



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA INGLESA

ANASTÁCIA AMORIM SANTANA

REFLETINDO SOBRE O PAPEL DA LITERATURA JUVENIL NA
FORMAÇÃO DO LEITOR

Amargosa – BA

2016

ANASTÁCIA AMORIM SANTANA

**REFLETINDO SOBRE O PAPEL DA LITERATURA JUVENIL NA
FORMAÇÃO DO LEITOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) / Centro de Formação de Professor (CFP) como parte dos requisitos parciais para obtenção do grau do curso de licenciatura em Letras: Língua Portuguesa / Libras.

Orientador: Prof. Me. Tarcísio Fernandes Cordeiro.

Amargosa – BA

2016

AGRADECIMENTOS:

A Deus, por tudo em todos os momentos...

Aos meus pais, Conça e Rafael, por serem tudo para mim e por todo apoio que sempre me deram.

À minha irmã Ângela e a prima Gláucia por estarem sempre por perto em meus momentos de angústia, ouvindo meus desabafos.

À tia Ray, pela acolhida em sua casa e pelo apoio de sempre.

A Géssika, Marinês e todos os colegas de sala, aos colegas de estrada, aos amigos que surgiram e me acompanharam durante essa longa caminhada.

A Raí, meu bem, pelo apoio e compreensão nas ausências.

Aos colegas de trabalho do Colégio Estadual Ruy Barbosa e também pelo apoio durante a pesquisa.

À professora Mônica Menezes, pelas indicações iniciais de leitura.

Ao professor orientador Tarcísio Cordeiro, por todas as contribuições e por sempre me fazer acreditar que era possível.

A todos os professores do curso de Letras: Língua Portuguesa/Libras/Língua Inglesa.

E a todos e todas que de algum modo estiveram presente comigo durante esta importante etapa de minha vida.

O Adolescente

A vida é tão bela que chega a dar medo.

*Não o medo que paralisa e gela,
estátua súbita,
mas*

*esse medo fascinante e fremente de curiosidade que faz
o jovem felino seguir para a frente farejando o vento
ao sair, a primeira vez, da gruta.*

Medo que ofusca: luz!

*Cumplicemente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:*

Adolescente, olha! A vida é nova...

*A vida é nova e anda nua
- vestida apenas com o teu desejo!*

(Mario Quintana)

SANTANA, Anastácia Amorim. *Refletindo sobre o papel da literatura juvenil na formação do leitor*. 58 f. 2016. Trabalho monográfico de conclusão de curso, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2016.

RESUMO

Trabalhar com o texto literário em sala de aula, consiste numa forma de abordar várias nuances do conhecimento humano, pois, através da literatura é possível abordar qualquer tema. O texto ficcional exercita a atividade de leitura, que é uma das habilidades mais necessárias para formação do sujeito durante o processo da aprendizagem escolar e essencial para os desdobramentos de suas atividades sociais por toda a vida. Neste cenário, os diálogos entre a literatura e o público juvenil constituem um especial tema no processo de formação do indivíduo leitor. Desse modo, a presente pesquisa tem por objetivo refletir sobre a importância da literatura juvenil no contexto de uma escola pública, refletindo sobre a importância desse gênero no processo de desenvolvimento do hábito e do gosto pela leitura. Para construção desta produção acadêmica, fora realizada uma pesquisa quanti-qualitativa, motivada pela seguinte questão: como a leitura de obras voltadas para o público juvenil pode contribuir para o processo de letramento literário em alunos do ensino fundamental II? Para tanto, foram aplicados 79 questionários em turmas do nono ano do Colégio Estadual Ruy Barbosa, em Mutuípe (BA). Do mesmo modo, coligiu-se as considerações da professora a respeito das práticas de ensino-aprendizagem do texto literário empreendidas nessas turmas. No campo conceitual, foram importantes as reflexões e os estudos de Lajolo & Zilberman (1996) acerca da história da leitura, as contribuições de Antônio Cândido (1989) sobre a importância da leitura e da literatura na formação do indivíduo, assim como as análises de Cruvinel (2009) e Gergorin Filho (2011) a respeito da literatura destinada ao público juvenil. Ao fim desta pesquisa foi possível tecer uma reflexão a cerca da literatura juvenil como importante contribuinte para o processo de formação do leitor adolescente.

PALAVRAS-CHAVE: leitura, literatura, literatura juvenil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Preferências de Leitura.....	34
Figura 2 – Temas Preferidos.....	37
Figura 3 – Importância das Atividades nas Redes Sociais	38
Figura 4 – Recepção ao projeto de leitura da instituição.....	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Definição de literatura	44
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 O PERCURSO METODOLÓGICO	12
2.1 A escolha do tema.....	12
2.2 Um estudo sobre o tema	12
2.3 O espaço e os sujeitos da pesquisa	13
2.4 Os instrumentos da pesquisa e aplicação.....	14
3 LEITURA, LEITORES E A LITERATURA JUVENIL	17
3.1 Breve histórico sobre a leitura	17
3.2 A literatura e a formação do leitor.....	20
3.3 A literatura e outras formas de leitura	25
3.4 Literatura juvenil: em busca de uma compreensão	29
4 LEITURA E LITERATURA, O QUE DIZEM ESSES JOVENS: ANALISANDO OS DADOS COLETADOS	33
4.1 Análise sobre a relação com a leitura e a literatura	33
4.2 Internet, uma possibilidade de suporte de leitura	38
4.3 Recepção ao projeto de leitura da instituição	40
4.4 Análise sobre a literatura juvenil trabalhada em sala de aula.....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A – Questionário dos estudantes.....	52
APÊNDICE B – Relatório dos questionários dos estudantes.....	54
ANEXO A – Termo de anuência da escola.....	64
ANEXO B – Questionário da professora	65

1 INTRODUÇÃO

*Façamos das antigas memórias
As grandes armas da esperança
E tiremos das doces lembranças
A matéria-prima para novas histórias!*

(Lucas Ferreira)

Quando criança, na escola multisseriada da zona rural na qual estudava, visitava o varal de leitura e encantava-me com aqueles livrinhos dispostos com suas estorinhas e suas cores. Posteriormente, na escola da cidade descobri a biblioteca: uma sala grande reservada aos livros... e quantos livros, quantas leituras. Depois veio o Ensino Médio, junto com a adolescência e seus conflitos, suas questões e os namoros. Líamos as obras do cânone, solicitadas pelos professores, mas na biblioteca também havia os livros que falavam sobre aqueles assuntos que circulavam nas conversas com os amigos: gravidez na adolescência, beijos, sobre o amigo que desviara do caminho, as expectativas pelo futuro. Era as narrativas juvenis, por essa via, li o primeiro livro que me fez chorar. Depois de tanto tempo, agora na universidade, a literatura juvenil ressurge, contribuindo mais uma vez ao provocar reflexões que constituem a etapa final de minha graduação.

Como dito na epígrafe, há de se tirar das lembranças à matéria-prima para construção do novo, refletindo sobre o presente. Nesta perspectiva a literatura juvenil será aqui abordada de mãos dadas com o contexto escolar. Diante da conjuntura atual, em que a escola, enquanto espaço institucional se depara com situações adversas, tais como: gravidez na adolescência, preconceitos, drogas, *bullying*, violência e indisciplina, conseguir realizar o trabalho educativo reflexivo que abarque tantas questões, consiste num desafio aos educadores contemporâneos.

Aliado a todas essas situações que comumente desviam o aluno da escola, o sucesso escolar é comprometido ainda pelo estigma de que o brasileiro lê pouco e que, muitas vezes, mal entende o que lê. Seguidos desses pressupostos, um dos grandes desafios da escola brasileira consiste no trabalho de conseguir suscitar no aluno o hábito da leitura e a capacidade de compreensão e interpretação daquilo que se lê.

Por isso, faz-se necessário que o aluno perceba a atividade de leitura não somente como uma necessidade escolar, mas como uma forma de ampliar seus horizontes em termos de conhecimento de mundo, de representação de si mesmo e também como hábito de deleite do mesmo modo que outras atividades que ele gosta de realizar no seu dia-a-dia.

Dessa forma, é interessante que o estudante de início tenha contato com textos que estejam acessíveis ao seu vocabulário e à sua realidade. Pressupõe-se que, posteriormente, este aluno, já inserido na prática de leitura, ampliará sua capacidade de ler textos de linguagem e reflexões mais complexas e diversificadas. Através desse processo de compreensão de leitura, dar-se-á ao indivíduo a condição de leitor reflexivo, que também lê por prazer e não só por exigência da escola.

Nesse sentido, a partir da preocupação sobre a formação de leitura crítica e reflexiva destes alunos, jovens leitores recém-saídos da infância, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância da literatura juvenil no processo de desenvolvimento do hábito e gosto pela leitura, pensando na formação de leitores reflexivos, de modo que esse aprendizado transponha as paredes escolares. A motivação para tal intento surge da seguinte questão: como a leitura de obras voltadas para o público juvenil pode contribuir para o processo de letramento literário em alunos do ensino fundamental II? Para responder tal indagação, tentar-se-á cumprir os seguintes objetivos específicos: 1) investigar o que é literatura juvenil e seu processo de criação na contemporaneidade; 2) discutir a experiência de leitura literária em sala de aula no Ensino Fundamental II; 3) observar o processo de auto identificação (ou não) com a literatura trabalhada em sala de aula e 4) observar como a literatura juvenil trabalhada em sala (se trabalhada) de aula é recepcionada pelos alunos e suas opiniões sobre as mesmas.

Para responder tais questionamentos e construir este trabalho fez-se necessário realizar uma pesquisa qualitativa através da utilização de dois questionários. O primeiro questionário, com vinte e cinco (25) questões, sendo vinte e duas (22) objetivas e três (03) subjetivas foi destinado aos alunos do nono ano do Ensino Fundamental II que participaram da pesquisa, ao todo foram coligidos as respostas de setenta e nove (79) estudantes. O outro questionário, contendo dez (10) questões subjetivas foi destinado à professora de Língua Portuguesa que leciona a disciplina nas três turmas pesquisadas. A instituição escolhida para a realizar a pesquisa foi Colégio Estadual Ruy Barbosa situado no município de Mutuípe – Bahia (há 235 quilômetros da capital Salvador).

O questionário elaborado para os alunos teve como objetivo analisar questões como: relação destes com a leitura e a literatura, acesso ao gênero literário, preferências temáticas, relação do uso da internet com o texto literário, recepção ao projeto de leitura desenvolvido pela escola e recepção da literatura juvenil trabalhada em sala de aula. O questionário destinado à professora buscou observar como se dá o trabalho docente em relação à leitura e a literatura no contexto da sala de aula.

Para alcançar esses resultados, para além da introdução, apresenta-se o capítulo teórico intitulado “Leitura, leitores e a literatura” que está subdividido em quatro seções, a saber: a história da leitura, fundamentada por Lajolo & Zilberman (1996) que mostram o processo histórico pelo qual passou a leitura e a valorização desta atividade hoje indispensável para humanidade; a seção seguinte discute aspectos relativos à literatura e a formação do leitor. Nesse sentido, Antônio Cândido (1989) nos mostra que a literatura tem função formadora, não em caráter pedagógico como pode ser interpretado de forma vulgar, mas uma formação para vida, pois leva o ser humano a entrar em contato com sua própria humanidade; a terceira seção traça uma discussão sobre a relação entre a literatura e outras formas de leitura, colocando em ênfase os novos suportes midiáticos. Soares (2010) orienta que é necessário desenvolver novas práticas pedagógicas que contemplem as inovações tecnológicas que já estão presentes nos contextos escolares, pois é inegável que os tais avanços apresentem uma nova e expressiva configuração da cultura moderna, a qual a escola precisa tomar conhecimento. A última seção desse capítulo traz a literatura juvenil em busca de uma compreensão. Embasado pelas considerações de Cruvinel (2009) e de Gregorin Filho (2011), observa-se algumas questões que circundam este gênero e como o mesmo se orienta no Brasil em seu percurso histórico.

O capítulo seguinte, “Leitura e literatura, o que dizem esses jovens: analisando os dados coletados” subdivide-se em quatro seções que analisam os dados coletados durante a pesquisa. A primeira seção analisa a relação dos sujeitos da pesquisa com a leitura e a literatura; na sequência, é analisada como se dá o uso da internet relacionada à atividade de leitura e contato com o literário; depois observa-se quais impactos foram causados através do projeto de leitura executado na escola pesquisada e por fim o capítulo finaliza analisando as questões que se referem a literatura juvenil trabalhada nas turmas pesquisadas durante as aulas de Língua Portuguesa. É válido lembrar que estes dados são analisados através do diálogo entre o questionário aplicado aos alunos e outro destinado a professora de Português que leciona nas três turmas pesquisadas, além contar também com informações obtidas através de observação e conversas informais.

Por fim, as considerações finais apresentam uma reflexão acerca das informações e impressões, obtidas durante todo processo de construção desta pesquisa, com intuito de promover uma reflexão sobre a importância da literatura juvenil na construção do sujeito leitor. Desse modo, são traçadas ponderações de como as instituições escolares podem e devem contribuir neste processo de formação, sobretudo nas localidades mais periféricas e interioranas, nas quais o acesso ao texto literário é quase que exclusivo às unidades de ensino.

Outro ponto de destaque é o uso da internet como suporte de leitura, reconhecendo tal meio como possibilidade de acesso ao texto literário, logo ferramenta eficaz na prática docente. Dessa forma, esta pesquisa apresentou a literatura juvenil como um gênero que busca dialogar intimamente com a adolescência, podendo aproximá-la com mais facilidade do universo literário e das práticas de leitura.

2 O PERCURSO METODOLÓGICO

Para excursão deste trabalho, fora realizada uma pesquisa qualitativa através de análises dos dados coligidos por meio de questionários aplicados, depois de feito o estudo do tema através de sua revisão bibliográfica.

Segundo Bogdan & Bilken *apud* (LUDKE & ANDRÉ, 1986, p. 13) a pesquisa qualitativa é aquela que envolve a obtenção de dados descritivos, adquiridos do contato do pesquisador com a situação pesquisada, em que o enfoque é a perspectiva dos participantes. Durante a análise, há resultados em que os dados são determinados por vias quantitativas que revelam os teores qualitativos de acordo com o contexto posto. As subseções que se seguem apresentam os passos percorridos para construção de nossas reflexões.

2.1 A escolha do tema

Trabalhar com a literatura juvenil não fora uma escolha aleatória. Embora em muitos momentos os conflitos deste tema quase fizera com que o abortasse neste trabalho de conclusão de curso, eis que houve o momento em que o tema se revelou o sujeito ativo: foi ele que escolheu a autora e não o inverso como ela ingenuamente imaginara. Assim, mais tarde percebi que foi a literatura juvenil a primeira influência que me inclinou na escolha pelo curso de Letras e que, posteriormente fizera parte de sua conclusão.

Diante de tantos temas e correntes literárias nas aulas do curso de Letras/Libras/Línguas Estrangeiras (CFP/UFRB), foi durante as aulas do Componente Curricular Optativo “Literatura Infantil/Juvenil” que este tema se consolidou como uma opção de pesquisa. Embora as abordagens do componente fossem predominantemente voltadas para a literatura feita para as crianças, uma questão me inquietava: e o adolescente ou quem está chegando nesta fase, como é pensada a literatura para esses sujeitos em transição que não raramente, já não querem mais “essas estórias de criancinhas”, mas, que talvez ainda não se interessem pelos os clássicos do cânone os quais muitas vezes têm que “engoli-los” pela pressão escolar? Assim, resolvi investigar a temática.

2.2 Um estudo sobre o tema

Para desenvolver esta pesquisa, o primeiro passo se constituiu em tecer uma reflexão sobre a importância da leitura e a formação do leitor na escola. Na sequência, essas leituras

ressaltaram as contribuições da literatura neste processo de formação, embora essa contribuição não esteja obrigatoriamente condicionada por uma predestinação pedagógico e/ou moralista, como apontou Antônio Cândido (1989) ao questionar sobre a existência de uma função formativa educacional na literatura,

Seja como for, a sua função educativa é muito mais complexa do que pressupõe um ponto de vista estritamente pedagógico. A própria ação que exerce nas camadas profundas afasta a noção convencional de uma atividade limitada e dirigida segundo os requisitos das normas vigentes (CÂNDIDO, 1989, p. 83).

Em seguida, uma breve pesquisa bibliográfica buscou compreender como a literatura destinada ao público juvenil está sendo pensada na atualidade. Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel, em sua tese de doutorado, *Narrativas juvenis brasileiras: em busca da especificidade do gênero* (2009), traça uma ampla discussão em busca de uma especificidade para este gênero tão questionado por sua dimensão mercadológica o que provoca indagações críticas acerca do seu valor literário. Já a obra *Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores* (2011) de José Nicolau Gregorin Filho (2011) apresentou o percurso da literatura juvenil no Brasil, enfatizando também as influências do mercado editorial sobre a produção artística.

2.3 O espaço e os sujeitos da pesquisa

O espaço escolhido para realização deste trabalho de pesquisa foi o Colégio Estadual Ruy Barbosa (CERB), situado no município de Mutuípe – Bahia, distante 235 quilômetros da capital Salvador, sendo essa atividade autorizada por sua direção (cf. Anexo A). Sobre a escola, cabe registrar que essa é instituição mais antiga da cidade, completando 70 anos, em 2015. Entretanto, sua estrutura é pequena: possui apenas nove (9) salas de aula, uma quadra de esportes, um laboratório de informática e uma sala de recursos que também funciona como biblioteca. Atende a 537 alunos e funciona nos três turnos, sendo Ensino Fundamental II no turno diurno e Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno noturno. Pela manhã predomina os alunos da zona rural e a tarde, os alunos da zona urbana. Em geral, essa escola atende aos alunos das zonas mais periféricas da cidade.

Nesta instituição, trabalho a cerca de três anos e meio como assistente de atividades administrativas, sobre o regime de contrato especial de direito administrativo (REDA). Logo, coloco-me como parte integrante das vivências desta unidade escolar, da qual conheço muitos

de seus aspectos internos, inclusive o pedagógico, pois também realizei um dos meus estágios obrigatórios da graduação, o Estágio Supervisionado em Estudos Linguísticos e Literários, em que atuei como regente em duas das turmas trabalhadas durante minha pesquisa. É válido esclarecer que essas duas atividades foram realizadas em momentos diferentes. Noto que de certa forma esta proximidade facilitou determinadas interpretações, pois, algumas observações diárias do cotidiano laboral, durante meu processo de estágio e por conversas informais também contribuíram para a análise dos dados ora em discussão.

Participaram da pesquisa 79 alunos e 01 professora de Língua Portuguesa do Colégio Estadual Ruy Barbosa (CERB), Mutuípe (BA). Esses alunos fizeram parte das turmas do nono ano do Ensino Fundamental II do ano letivo 2015. A escolha desse público se deu por sua faixa etária melhor representar, no contexto escolar, os adolescentes, segmento de leitores considerado como objeto da literatura juvenil. Os estudantes têm em média 15,2 anos, o que não representa necessariamente uma distorção idade/série, tendo em vista que esta atividade foi realizada já no final do ano letivo (final de novembro). Destes alunos, 75,9% são meninas enquanto 24,1% são meninos. A maior parte destes estudantes é oriunda da zona rural, 62%, enquanto apenas 38% moram na zona urbana. Das turmas, duas são do turno matutino, em que predomina os alunos da zona rural, mas na turma do vespertino também há alunos desta localidade, o que justifica este percentual.

A professora que fez parte desta pesquisa leciona aulas de Língua Portuguesa nas três turmas analisadas. A docente tem 44 anos, é licenciada em Letras com Inglês pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), possui pós-graduação em Estudos Literários e Linguísticos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e têm vinte e dois anos de regência na rede estadual.

2.4 Os instrumentos da pesquisa e aplicação

Para construção desta pesquisa, foram utilizados dois questionários. O primeiro questionário foi destinado aos alunos, sendo composto por vinte e cinco (25) questões, destas vinte e duas (22) objetivas e três (03) subjetivas. As primeiras questões do questionário visaram traçar um perfil básico dos alunos: idade, sexo e local de origem. É válido lembrar que este instrumento preservou a identidade dos participantes, pois, a pesquisadora informou durante a aplicação que não era necessário que os alunos se identificassem, devendo apenas responder com fidelidade e pessoalidade às indagações apresentadas (cf. Apêndice A).

Através destas questões, buscou-se investigar o interesse pela leitura; o nível de acesso a obras literárias; as preferências por gêneros e temas destes jovens ao fazerem suas leituras e a relação entre a internet e a leitura. Além disso, tais questões também nos possibilitam analisar o envolvimento dos estudantes com o Projeto de Leitura da escola durante o ano letivo de 2015 e, de modo mais específico, o trabalho empreendido com a obra literária juvenil, discutida nas aulas de Língua Portuguesa da IV unidade, “A Metamorfose do Lívio” de Liana Leão (2009).

O questionário dos alunos foi aplicado em sala de aula, em momentos previamente acordado. Durante esse processo, a pesquisadora lera cada questão juntamente com a turma, esclarecendo eventuais dúvidas, tendo em vista que o questionário apresenta questões objetivas de marcação única, múltipla escolha e de categorização. Todas as turmas tiveram uma boa recepção ao questionário. Apenas uma das turmas do turno matutino mostrou-se um pouco indisposta em responder as três questões subjetivas, alegando estarem cansados após o intervalo para o lanche e por se tratar de um período de provas. Mas, ainda assim, nenhum aluno deixou o questionário totalmente em branco ou se negara a responder, embora alguns, não só desta sala, tenham deixado algumas questões sem resposta ou com sinalizações inadequadas. Nesses casos, os dados foram desconsiderados no cômputo geral das respostas.

Na primeira questão subjetiva, o aluno foi indagado sobre o que vinha ser a literatura para ele. As duas últimas pediam respectivamente um comentário sobre a leitura do livro “A Metamorfose do Lívio” e sobre o Projeto de Leitura do CERB, realizado em 2015. Nestas questões, precisei investir um pouco mais no diálogo, incentivando-os para respondessem, pois alguns diziam que não sabiam, outros alegavam indisposição. Foi necessário lembrá-los que não precisava haver medo ou vergonha, tendo em vista que em nenhum momento seriam identificados. Além disso, solicitei que fossem os mais verídicos possíveis em suas respostas, pois, o importante era que cada um deixasse seu comentário de modo pessoal. Ainda assim, alguns teceram respostas bem curtas e/ou superficiais. Neste caso, tal procedimento não foi desconsiderado, pois as respostas subjetivas, por mais estranhas, revelam um dado importante a respeito do olhar sobre o universo literário.

Após o preenchimento dos questionários, os mesmos foram tabulados com o auxílio do programa Excel e, posteriormente, sistematizados por outro software, o Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), que possibilitou a construção do Relatório de questionários dos alunos (cf. Apêndice B).

O segundo questionário, de 10 (dez) perguntas, foi destinado à professora de português destas turmas. Este questionário objetivou buscar a visão docente de algumas questões que

permeiam esta pesquisa. Após as questões introdutórias que traçam o perfil da professora, o questionário indaga como ocorre a interação professor-aluno em relação à leitura.

A questão seguinte solicita que a docente julgue o desempenho de seus alunos em relação à leitura do texto literário, numa escala de bom, razoável, ou precário, justificando a resposta. Depois é perguntado “Você percebe iniciativa dos seus alunos em procurar obras literárias? Como isso se manifesta?” e “O que você julga necessário para que os alunos compreendam a importância da leitura?” Essas questões buscam compreender a visão docente sobre o trabalho com a leitura e o literário na escola.

As questões que se seguem indagam se os temas tabus que permeiam a adolescência são apresentados em sala de aula e como isso é feito. Questiona-se ainda o porquê da escolha do livro “A metamorfose do Lívio”, inquire-se a docente acerca da relação da literatura e formação humanística e, por fim, solicita-se a visão desta profissional em relação aos resultados obtidos com o projeto de leitura realizado na instituição. O questionário destinado à professora fora enviado via e-mail, sendo respondido após quinze dias (cf. Anexo B). Cabe registrar que a docente se mostrou cooperativa com o processo, respondendo-me questões e esclarecendo dúvidas em momentos de diálogos, o que contribui inclusive para a elaboração dos questionários.

Durante as análises os dois questionários se relacionam cruzando as perspectivas do alunado com a da educadora. Ao fim da aplicação dos instrumentos e análise dos dados obtidos, percebi o quão fora significativo esse estudo, pois, a realização destes processos ilustrou como tem sido pensada a leitura e a literatura num determinado contexto em sua praxe diária de uma escola pública de uma cidade interiorana. A observação desta praxe proporciona uma reflexão acerca de como a leitura e a literatura juvenil tem sido trabalhada em sala de aula, e suas possíveis contribuições para formação destes sujeitos.

3 LEITURA, LEITORES E A LITERATURA JUVENIL

3.1 Breve histórico sobre a leitura

A valorização da leitura tem sido difundida há anos, pois que se confere que no ato da leitura reside uma importância grandiosa na formação do indivíduo. Essa formação não se dá somente em âmbito escolar, pois, a leitura tem sido vislumbrada como uma janela através da qual o indivíduo se dirige ao mundo. Alberto Manguel (1997) diz que “Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial” (MANGUEL, 1997, p.20).

Aqui, Manguel fala da importância de ler para além dos livros, em consonância com Paulo Freire (1989), que ao discorrer sobre o assunto declara “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 11), mas o pedagogo brasileiro deixa claro que

é importante dizer, a ‘leitura’ do mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas [...] com ela, a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a ‘leitura’ do mundo. Com ela a leitura da palavra foi à leitura da ‘palavamundo’ (FREIRE, 1989, p. 15).

Assim, Freire (1989) valoriza a importância das experiências de mundo para adquirir o hábito e o gosto pela leitura, mas não esquece o quão significativa é a escolarização.

Embora se valorize e reconheça com ênfase a importância da leitura de mundo, é impossível não associar o termo leitura ao objeto livro. Naturalmente, as histórias do livro e do leitor se entrelaçam, embora se convenha que a leitura preceda o livro, como já dissera Paulo Freire (1989). Deste modo, por se propor, neste trabalho, a pensar sobre a leitura tendo o objeto livro como seu suporte, as laudas que se seguem nesta seção trarão um breve histórico da leitura pautada na escrita impressa.

Segundo Lajolo & Zilberman (1996) na Europa, a história da leitura principia aproximadamente no século XVIII. Durante o século XVIII, período marcado pelas revoluções da burguesia, a expansão da imprensa fez com que a fabricação de obras escritas deixasse de ser um processo artesanal, realizado por tipógrafos e gerenciado pelo estado, passando a ser um trabalho de pouco custo e de maior lucratividade.

Graças aos ideais liberais das revoluções burguesas dos séculos XVIII e XIX, o Estado não mais detinha tanto poder sobre as relações comerciais e operações econômicas, o

que garantia ao comércio maior independência. Através desse liberalismo financeiro, foi possível ainda investir em projetos sociais voltados para saúde e educação.

A formação do leitor se dá exatamente nessa época, na qual ocorre à difusão do livro na escola, a valorização da família (ideologia construída nesse período) e da privacidade, e, da emergência da ideia de lazer que se cria nessa época. É preciso lembrar, que até o século XVIII os laços de parentesco eram formados pelos casamentos pautados na conveniência independente da classe social.

Até o século XVIII, predominavam, entre as elites, os grupos unidos por laços de parentesco, que, graças aos matrimônios de conveniência, formavam alianças políticas poderosas; entre as classes baixas, prevaleciam as corporações profissionais, expediente a que recorriam para se proteger da violência dos senhores feudais (LAJOLO & ZILBERMAN, 1996, p. 15).

Após as revoluções do século XVIII e XIX, o sistema Absolutista, que era o sistema em vigor, foi demolido, dando espaço a democracia e ao liberalismo, o que fortaleceu a valorização do padrão familiar burguês. Essa organização familiar prezava pela vida doméstica e pela privacidade. “A família é a miniatura da sociedade idealizada pela burguesia, pois contrapõe à força da ideologia que a sustenta a fragilidade de seu poder político” (LAJOLO & ZILBERMAN, 1996, p. 15).

É nesse núcleo que se constrói o gosto pela leitura, tida como atividade ideal para o contexto de vida privada e doméstica a qual se configura a família. Nesse período, se formou ainda a necessidade de dominar a leitura com o intuito de promover a formação moral das pessoas, sobretudo pela leitura da Bíblia. Assim, esse hábito passou a fazer parte do cotidiano das pessoas.

Atitude individual ou praxe coletiva, silenciosa ou em voz alta, a leitura do folhetim semanal ou das Sagradas Escrituras invade o lar burguês, integrando-se ao cotidiano familiar e passando a constar das representações imaginárias da classe média, traduzidas, por exemplo, por pintura e fotografias que retratam a paz doméstica abrigada pelo livro. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1996, p. 16).

Neste cenário em que se dá o fortalecimento do núcleo familiar, o mercado editorial se volta para os principais públicos consumidores que o compõe e que dispõem de tempo livre para desfrutá-lo: as mulheres e as crianças. Logo, esse mercado dirige sua visão para as leituras direcionadas para o público feminino e lança olhares para uma nova clientela: o público infanto-juvenil, e, é justamente nesse período que a literatura infanto-juvenil começa a dar os seus primeiros passos.

Lajolo & Zilberman (1996) apontam que no Brasil o leitor se textualiza significativamente somente a partir da ficção romântica. Segundo as autoras, por volta de 1840 no Rio de Janeiro, sede monárquica do país, iniciou-se um processo de formação e fortalecimento de uma sociedade leitora. Assim como ocorrera anteriormente na Europa, esse processo de difusão da leitura se deu a partir da inserção de mecanismos de produção e circulação de livros através de tipografias, livrarias e bibliotecas. A escolarização, ainda que incipiente nessa época, também fora importante para difusão da leitura.

Por se tratar de leitores iniciantes, autores dessa época preocupavam-se em produzir obras que facilitassem o entendimento do leitor, além de cativá-los com leituras de fácil entendimento. Lajolo & Zilberman (1996) analisam textos de Manoel Antônio de Almeida e de Machado de Assis que demonstram procedimentos desses autores para atrair leitores cativos. Na análise das narrativas, as autoras apontam o uso de recursos como: retomadas de eventos de capítulos anteriores; simulação de conversa com o leitor; relação de cumplicidade com o interlocutor; descrição de cenários; obras escritas em folhetim. Tais recursos se fazem na medida de conduzir o leitor em sua fase de formação, pois que para se criar leitores era preciso antes de tudo seduzi-los.

Logo no início da inserção do hábito de leitura, já se observara que esta atividade não era restrita ao lazer. Como já dito anteriormente, as pessoas logo perceberam que o ato de ler consiste num dos mecanismos de crescimento e aprimoramento do ser humano, e mais do que isso, percebeu-se que a leitura poderia servir para o disciplinamento do indivíduo. Assim, foi dada a leitura o *status* de grande importância para a formação das pessoas, passando a ser componente essencial do ensino.

Com o passar do tempo, verificou-se que a leitura poderia ser “perigosa”, pois, era um espaço de liberdade para escritores que podiam expor opiniões contrárias as das elites dominantes, desvelar verdades ocultas, questionar tabus, problematizar questões sócio-políticas, dando ao leitor a arma do conhecimento com a qual poderia passar a questionar e argumentar contra sistemas autoritários e hegemônicos.

Por isso, é recorrente na história de vários países a censura de obras e autores considerados inadequados pelo governo de sua época, como ocorreu no Brasil durante a Ditadura Militar (1964-1985), no qual vários títulos de autores como Jorge Amado, Rubem Fonseca e Ignácio de Loyola Brandão foram exterminados. O temor pelo acesso das classes populares à leitura é decorrente de uma possibilidade de mudança a qual as classes dominantes ressentem imaginar, pois,

O medo popular do que o leitor possa fazer entre as páginas de um livro é semelhante ao medo intemporal que os homens têm do que as mulheres possam fazer em lugares secretos de seus corpos, e do que as bruxas e os alquimistas possam fazer em segredo, atrás de portas trancadas. (MANGUEL, 1997, p. 35).

As históricas perseguições à leitura ilustram a importância desta ferramenta na formação social do indivíduo enquanto ser social, que embasado pelo conhecimento de mundo e de seus direitos encontra possibilidade de questionar o sistema e lutar por mudanças que promovam melhores condições de vida. É nesse sentido que Lajolo & Ziberman (1996) afirmam em comunhão com outros autores que, “Ser leitor, papel que, enquanto pessoa física, exercemos, é função social, para que se canalizem ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas” (LAJOLO & ZIBERMAN 1996, p. 14). Por isso, essa habilidade precisa ser adquirida desde cedo e aprimorada constantemente à medida que crescemos físico e intelectualmente. Para tanto, é preciso que se “treine” essa habilidade, de modo que nos tornemos leitores crítico, reflexivo, através de leituras diversas, orientadas por um olhar aguçado do leitor que o permita refletir sobre o que lê, de modo que não se restinga a decifrar os códigos linguísticos.

3.2 A literatura e a formação do leitor

Pensar sobre a função formadora da literatura nos impõe uma reflexão contextual sobre o contato do leitor com a obra literária. No Brasil, quase sempre, a literatura foi apresentada ao indivíduo através da escola. Por isso, é necessário que se compreenda que o texto literário constitui-se numa ferramenta de importante contribuição para a formação do sujeito, pois, se a família, embora ainda pouco, e os governantes, mesmo que no plano discursivo, valorizam-na em todas as fases da formação educacional (das séries iniciais ao fim do ensino médio) é porque sua relevância é bem maior do que podem supor aqueles que a desconsideram. É por bem deixar claro que, quando se fala de literatura de formação, não se trata de perpetuar uma convicção de leitura e literatura moralista ou pedagógica. A literatura enquanto mecanismo de formação aqui defendida se refere a uma ferramenta de conhecimento de mundo e de si.

Antônio Cândido (1989) ressalva que os estudos modernos em literatura têm se debruçado em sua estrutura muito mais que em sua função. Todavia o autor observa que o estruturalismo e o funcionalismo têm andado entrelaçados constantemente. A priori, Antônio

Cândido (1989) afirma que a primeira função da literatura, uma espécie de função psicológica, é suprir a necessidade de fruição, de fantasia e ficção:

A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que decerto é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão (CÂNDIDO, 1989, p. 80).

A literatura exercita a sensibilidade humana, supre a necessidade de vida, de uma vida que falta como nos fala Deleuze (1993). É humana a necessidade de recriar a realidade, repensá-la, fantasiá-la se necessário for, para que se possa adquirir forças que supram os encargos do mundo pragmático que constantemente violenta a alma humana com variados dissabores tais como os sistemas burocráticos, a violência, o *stress* do dia-a-dia, a própria convivência humana e outras tantas razões angustiáveis. Cândido (1989) ainda explica sobre a ligação entre a fantasia e a realidade,

A fantasia quase nunca é *pura*. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura. (CÂNDIDO, 1989, p. 81, grifo do autor).

Diante dessa afirmação, é possível notar que realidade e fantasia se entrelaçam no universo literário, pois, este universo se produz e difunde por vias de atividades humanas. É certo que seus produtores irão alicerçar-se no objeto real para construir planos de devaneios.

A leitura coloca o ser humano diante de várias possibilidades de vida. Ler é colher conhecimento, reconhecimento, é inventar e reinventar. A literatura, sobretudo, coloca o ser humano na mais próxima sintonia com essas possibilidades. SANTOS (2011) inspirada nas obras de Antônio Cândido coloca que,

A arte literária é um bem incompressível porque, sobretudo, coloca o homem em contato com a sua própria humanidade. E, ao apresentar algumas variações sobre a força humanizadora da literatura, ou sobre a sua capacidade de confirmar a humanidade do homem, o crítico elenca três das suas funções: satisfazer a necessidade universal de fantasia; contribuir para a formação da personalidade; fornecer elementos para o conhecimento do mundo e do ser (SANTOS, 2011, p. 169).

A literatura dá ao indivíduo a saciedade de vida, tornando-o mais humano. O ato de ler vislumbra conhecer o mundo e reformular nossas acepções primárias constantemente, pois, apresenta o contato com o mundo, com o outro e consigo.

Desse modo, pode se pensar que a fantasia nasce de insatisfações da realidade, dando condições de sobrevivência para o homem. Pensar na função da literatura, assim como propõe o autor, partindo dessa concepção de estreita ligação entre a fantasia e a realidade, e da necessidade dessa ligação para o ser humano, é compreendê-la enquanto objeto edificador na construção do indivíduo em sua subjetividade.

Logo, a literatura contribui para a formação do indivíduo desde a infância, colocando-o em contato com sua própria humanidade. É nesse sentido que não se pode pensar em “pedagogizar” a literatura em sala de aula tomando-a como um mero suporte dócil e moralista. Antônio Cândido (1989) afirma que a função educadora da literatura é bem mais complexa do que pressupõe o ponto de vista pedagógico.

A literatura pode *formar*, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa – o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica [...] ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras. Daí as atitudes ambivalentes que suscita nos moralistas e nos educadores, ao mesmo tempo fascinados pela sua força humanizadora e temerosos da sua indiscriminada riqueza. E daí as duas atitudes tradicionais que eles desenvolveram: expulsá-la como fonte de perversão e subversão, ou tentar acomodá-la na bitola ideológica dos catecismos [...] (CÂNDIDO, 1989, p. 83, grifo do autor).

Se já é um erro que muitos entendam que a literatura destinada a crianças deva ser carregada de moralismo, subestimando a infância como lugar de convivência com o dualismo verificado no mundo real, o que dizer quando se destinam a literatura juvenil tais características? Como pensar criticamente, como inventar uma vida que falta, como fantasiar preso aos moralismos que reprimem o afeto individual que o literário provoca em cada leitor? Afinal, a literatura “age como impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela — com altos e baixos, luzes e sombras” (CÂNDIDO, 1989, p. 83).

No romance de formação, também chamado de *Bildungsroman*,¹ o protagonista deve passar por um processo de formação para em fim conseguir êxito em sua convivência social.

¹ Termo originalmente germânico cunhado em 1803 por K. Morgenstern. [Em port., “romance formativo ou romance de formação”; em ingl., *coming-of-age novel* ou *apprenticeship novel*.] Sendo possível traduzir o termo germânico por ‘romance formativo’ ou ‘romance de formação’, considera-se mais adequado seguir o uso da história literária e manter a designação original, pois tal uso corresponde ao reconhecimento do *Bildungsroman* como contributo específico da literatura alemã.

“Não basta a simples contemplação do mundo. O herói deve partir de um estado de conflito para, ao final de sua trajetória, poder se reconciliar com o meio social” (CRUVINEL, 2009, p. 24). Eis uma característica comum nas obras destinadas ao público juvenil: personagens que passam por etapas difíceis, que de algum modo estão indo contra o que determina os moldes da sociedade, por isso eles sofrem, arcam com as consequências, se redimem, depois alcançam o final feliz, em geral aprendendo a lição através do erro e, por fim, moldando-se às prescrições normativas da sociedade e fazendo jus aos prêmios por um comportamento socialmente “adequado” e “integrado”.

Como nos ensina Antônio Cândido (1989), a literatura é como a vida: construída a partir do bem e do mal, de erros e de acertos, de dúvidas, de erotismos, de imperfeições, de improbabilidades, de decepções e de vários outros aspectos. A literatura ensina como a vida, pois, são os acontecimentos da vida que orientam o ser humano na sua formação. Por isso, é por bem que a literatura destinada ao público juvenil aborde temas que provoquem em seu público o desejo e a curiosidade pela leitura. Ainda que o literário para o público juvenil, sobretudo em sala de aula, seja pensado sob os moldes da formação, é preciso ter cuidado para que não se ignore o fazer literário e a capacidade de compreensão e produção de sentidos deste público leitor.

Ora, se a literatura em sala de aula é um instrumento importante para formação de indivíduos leitores, sua ausência ou sua realização com limites meramente didáticos poderão comprometer a formação do leitor em seu sentido amplo. Afinal, essa formação deve ser pensada na perspectiva do letramento, ou seja, é preciso que o ensino de literatura abandone as velhas práticas de análises superficiais em que o estudo da obra restringe-se aos aspectos básicos, tais como obra-autor-enredo-personagem. Silva (2003) afirma que,

As relações entre leitura e literatura nem sempre são analisadas, reavaliadas e praticadas como deveriam no contexto escolar. A leitura — como atividade atrelada à consciência crítica do mundo, do contexto histórico-social em que o aluno está inserido — ainda é uma prática que precisa ser mais efetivada no espaço escolar. O papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo. Contudo, na prática, essa noção ainda parece perder-se diante de outras concepções de leitura que ainda orientam as práticas escolares (SILVA, 2003, p. 515).

Deste modo, pode-se entender que a literatura quando abordada em sala de aula de modo superficial, guiada por conceitos preestabelecidos pelo professor, fere a incumbência da escola enquanto lugar propício para auxiliar os sujeitos em sua formação, em especial, no que diz respeito à autonomia crítica dos mesmos. No geral, o que se tem, como Silva (2003) ainda observa, é a construção de leitores passivos, que leem pela obrigatoriedade de adquirir uma

nota por meio de uma avaliação. Assim, a leitura é compreendida pelo aluno como atividade escolar, infortúnio por sua obrigatoriedade e assim surgem expressões como o “eu não gosto de ler”.

O aluno deveria ser orientado para compreender o papel estético da literatura, bem como a função social desta manifestação artística. Não encontrando uma relação direta entre o texto literário e o seu cotidiano, o aluno não percebe a literatura como espaço de construção de mundos possíveis que dialogam com a realidade. É fundamental que a escola aborde a função social da literatura como uma possibilidade de "ler o mundo", contribuindo, assim, para a formação de leitores críticos, capazes de articular a leitura de mundo à leitura produzida em sala de aula (SILVA, 2003, p. 517).

Paulo Freire (1989) também afirma que a leitura de mundo precede a leitura dos livros. O conhecimento prévio de cada sujeito o guia em suas ações e pensamentos. Através da literatura é possível ampliar a visão de mundo, retomando as formulações de Antônio Cândido, a literatura nos coloca em contato com nossa própria humanidade. O conhecimento adquirido e acumulado na vida do indivíduo resulta na sua postura de pensar e agir perante o mundo.

Outro fator que desanima o estudante para a leitura de produções literárias são as “más” escolhas do professor. Escolhas más, não pelo conteúdo das obras, que geralmente são clássicos do cânone, mas pela falta de identificação entre a obra e o leitor. “Ao desenvolver mais enfaticamente a leitura de obras ‘clássicas’, a escola não apresenta aos alunos a diversidade de textos produzidos contemporaneamente, os quais geralmente tentam subverter e criticar a produção literária já canonizada” (SILVA, 2003, p. 517).

Muitos teóricos defendem que a leitura é produzida por várias nuances, de modo que não se restringe a escrita impressa. Por isso, é necessário que o leitor em formação tenha acesso a vários tipos e gêneros de texto. Portanto, é compreensível que no plano literário deva acontecer da mesma forma.

No que tange a literatura voltada para o público juvenil, é interessante que tais obras abordem temáticas que façam parte desse universo de leitores. Silva (2003) fala também da importância no fato de que o aluno tenha autonomia para escolher suas leituras. Através dessas experiências, de escolhas autônomas, o aluno optará pela leitura que lhe der mais prazer.

A autora ressalta que a formação literária não se dá em sala de aula, pois é uma experiência individual que varia de leitor para leitor. O que a escola faz é criar momentos que contemplem esse processo de formação. E o ensino técnico, mecanizado, objetivo da leitura e

literatura pode inibir e provocar rejeição de ambas, de modo que afaste o aluno do universo literário privando-o de conhecê-lo em seus melhores aspectos.

Práticas de leitura desestimulantes podem acarretar em maus leitores, facilmente influenciáveis, em escritores deficientes e de curto vocabulário, em pessoas de visão crítica reduzida. Maus leitores estarão suscetíveis ainda a dificuldades para enfrentar os desafios da pragmática vida adulta: como ler e interpretar provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), vestibulares, concursos?

O texto literário tem poder de provocar, inquietar, alegrar, ferir, emocionar, escandalizar, viver outras vidas, repensar a própria vida, doer, acalmar, saciar, criticar, desconstruir e outros tantos verbos que possam se conjugar naqueles que se permitirem ser formados por seus ensinamentos infinitos. Deleuze (1997) apresenta a literatura como *Devir*,

Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, *mimésis*), mas é encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação, de maneira que já não nos podemos distinguir de uma mulher, de um animal ou de uma molécula: e que não são nem imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto mais singularizados numa população. Pode-se instaurar uma zona de vizinhança com qualquer coisa, com a condição de que se criem os meios literários para isso (DELEUZE, 1997, p. 2).

Dessa forma, o texto ficcional dá ao indivíduo a possibilidade de se colocar no lugar de outrem, de atingir outras formas e seres. Assim, contribuir para formação de leitores literários consiste numa forma de investimento para uma sociedade de sujeitos mais críticos, autônomos, sensíveis e humanos.

3.3 A literatura e outras formas de leitura

Contemporaneamente, o processo de leitura tem sido ampliado para além dos suportes escritos em mídia impressa. O avanço tecnológico dos aparelhos de comunicação possibilita uma maior acessibilidade à informação numa escala global, de forma rápida e múltipla.

Através das facilidades de acesso a *internet* é possível tomar conhecimento sobre qualquer assunto que se queira investigar. É possível ainda reter tais informações em memórias internas ou externas dos computadores, tais como: mídias de DVDs, *pen drive*, cartões de memórias e outros. Por meio de *blogs*, *chats* e redes sociais as pessoas podem divulgar defender e discutir informações. Entretanto, o fácil acesso à informação não significa que a captação de conhecimento ocorra numa mesma escala. Na verdade, o que se tem visto é

que nem sempre esses recursos são utilizados por interesses de ampliar e difundir conhecimento, sobretudo por crianças e adolescentes, que usam a *internet* preferencialmente para o lazer através de jogos, *sites* e redes sociais.

Paralelamente a tais fatos, a escola se defronta com o desafio de formar leitores críticos e reflexivos em meio a tantas distrações. Evidentemente, que para o uso da *internet* o sujeito realiza a atividade de leitura, mas, sob o ponto de vista crítico, tais leituras se configuram pela falta de critérios de seleção ou por informações superficiais sem relevância, em muitas oportunidades, para formação social e intelectual do indivíduo. No geral, o discurso exposto por professores afirma que o aluno não gosta de lê ou lê mal. Sob a sociedade em geral recai as mesmas primícias, segundo Soares (2010),

O endeusamento do trabalho e o atractivo de outras formas de lazer não deixam tempo para que seja dada à leitura o seu valor e a sua importância como instrumento no acesso ao conhecimento, ao entretenimento e ao prazer, embora seja consensual para a sociedade que é preciso inverter esta situação, uma vez que é inegável o papel relevante que o ato de ler assume no mundo contemporâneo (SOARES, 2010, p. 1-2).

Soares (2010) assinala que é preciso criar novas práticas pedagógicas que contemplem tais inovações, pois é inegável que os avanços tecnológicos trouxeram também uma nova e significativa produção cultural, a qual o alunado precisa tomar conhecimento.

O universo digital é permeado por uma cortina de temores a qual pais e educadores receiam isto porque, o fato de haver fácil acesso as informações e as pessoas pode ser um fator de risco para crianças e adolescentes, pois, nem todas as fontes e contatos encontradas nesse meio são confiáveis. Por isso, a autora alerta sobre a necessidade de orientar o aluno a respeito da forma mais adequada de uso desses meios de comunicação. Afinal, quanto maior for entendimento, menores serão as chances de serem vítimas de possíveis ameaças disponíveis nos espaços virtuais.

A vida dos nossos alunos, no século XXI, está marcada, cada vez mais, pela leitura de imagens e palavras que têm como suporte a televisão, o vídeo, o cinema, o computador, etc., o que provoca novas maneiras de ser leitor e escritor e novas formas de estar, compreender e interferir neste mundo marcado pela cultura tecnológica. O mundo convida-nos a realizar um tipo de leitura que se torna impossível no suporte do papel (SOARES, 2010, p. 03).

Essa ampliação das formas de leituras se dá não somente pela maior quantidade e diversidade de suportes, mas pela consciência do ser leitor. Assim como afirma Paulo Freire (1989), a leitura não é restrita às palavras, pois, antes desta, há de se ter uma leitura de mundo. Nesse ponto, a formação do leitor literário auxilia nesse modo de compreensão de mundo

através de outras leituras. A literatura em sala de aula deve ser pensada através de uma postura crítica. Ainda assim, Antônio Cândido (1989) defende o lugar da literatura colocando que,

[...] por via oral ou visual sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia de que a literatura é uma das modalidades mais ricas (CÂNDIDO, 1989, p. 81).

Ao discutir sobre outros suportes para literatura que não o livro impresso, Ana Maria Machado (1999) afirma que possivelmente no futuro muitos livros irão morrer, sobretudo aqueles que possam ser substituídos pelo computador, tais como os enciclopédicos, livros-jogos, obras de autoajuda, em geral, todos os livros que respondam a perguntas.

Mas em qualquer suporte, papel ou tela, vai ser necessário continuar formulando novas perguntas, que façam a humanidade avançar. E isso é o campo da arte, da filosofia. Livros podem morrer. O que não vai morrer é a literatura, que vive desde muito antes de que se inventasse a própria escrita [...] (MACHADO, 1999, p. 100-101).

Ana Maria Machado (1999) aponta também, que não é a primeira vez que ocorrem mudanças nos suportes de leitura pelo advento das novas tecnologias. Há muitos séculos na Grécia, no tempo de Sócrates, a cultura oral que era dominante foi sobrepujada pela escrita. Depois, no renascimento europeu, com a invenção da imprensa com tipos móveis por Gutenberg, aconteceu outra revolução no suporte da escrita. Em todos os casos, como agora houve relutâncias, mas os efeitos dos avanços tecnológicos foram duradores e profundos.

Ao mesmo passo, o perfil do leitor também fora mudado ao decorrer da história, de acordo com a postura de cada época. Paulo Freire (1989) mostra que o universo que circunda o leitor em sua época, sua visão particular de definir e encarar o mundo no contexto em que está posto predefine e influencia suas concepções críticas em relação à leitura.

A leitura de mundo consiste numa bagagem necessária para que se possa embarcar na leitura das palavras, imagens, sons, sensações. Munido dessa bagagem, o leitor terá suporte para viajar pelo diverso mundo da leitura, sem perder-se no descuido de viajar de malas vazias estando destinado a “comprar qualquer bagagem” para prosseguir sua jornada, ou seja, o leitor que não assume uma postura crítica está sujeito a “comprar” qualquer ideia que lhe é posta, correndo risco de tomá-las como verdade absoluta e inquestionável.

Entretanto, é preciso que aquele que viaja se recorde de que sua bagagem sempre aumenta a cada destino que toma, pois, todo bom viajante leva ao menos uma lembrança dos lugares por onde passa. Desse modo, o leitor ou qualquer indivíduo precisa ter em mente que apesar de ter firmes suas convicções pessoais diante do mundo, precisa ainda ter a serenidade e a humildade para reformular ou até mudar suas ideias à medida que amplia seus conhecimentos e acompanha as transformações do mundo, assim como afirma o cantor Raul Seixas (1973) ao dizer em uma de suas letras que prefere ser “uma metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”.

Os novos suportes de leitura e as novas formas de leitura traduzem a inovação tecnológica que vêm ocorrendo na sociedade e fazem parte da nova geração de leitores. Logo, a escola não pode desconsiderar tal fato.

[...] podemos dizer que, não importa se o leitor mirim utiliza o manuscrito ou as tecnologias para explorar o seu imaginário, mas o importante mesmo é oferecê-las leituras com rico conteúdo. Entendemos que a leitura deste tipo de literatura, tanto no ecrã, como no “objeto livro”, representa um envolvimento intelectual sensorial emotivo que ocasionam sentimentos como o medo, os desejos, a confiança e a reflexão (CRISTÓFANO, 2010, p. 12).

Aos poucos, a escola precisa inserir novas práticas pedagógicas que direcionem o uso dessas novas tecnologias, até porque, historicamente as práticas educativas tradicionalistas tiveram que dar espaço ao novo. Em consonância com Magda Soares (2002),

Pode-se concluir que a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela (SOARES, 2002, p. 152).

De fato o livro enquanto suporte impresso ainda impera principalmente na escola pública que não dispõe da tecnologia como acervo principal de conteúdos. O que precisa ser levado em conta não é o suporte, mas a forma em que se utiliza no processo educativo. Não adianta ter nas escolas TVs *pen drive*, laboratórios de informática com acesso à *internet*, *tablets* se a unidade escolar não criar práticas de ensino que usem esses recursos de forma inteligente para construção de conhecimento. Se os alunos gostam dos jogos *on-line* e das redes sociais, a escola pode utilizar de tais recursos para o processo educativo, através do uso de jogos educacionais, trabalhos com redes sociais para pesquisa de divulgação do conhecimento, além de práticas de leitura e escrita por esse meio.

3.4 Literatura juvenil: em busca de uma compreensão

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) a adolescência é definida como o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos completos. Para a OMS, a adolescência é dividida em três fases: Pré-adolescência – dos 10 aos 14 anos; Adolescência – dos 15 aos 19 anos completos e Juventude – dos 15 aos 24 anos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera a adolescência, a faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade completos, sendo referência, desde 1990, para criação de leis e programas que asseguram os direitos desta população. Sempre existiram alguns desconfortos à rotulação de literatura juvenil por vários motivos, da liberdade criativa ao interesse mercadológico.

Por se tratar de uma literatura voltada para um público específico, o jovem, o qual normalmente está no período escolar e em fase de formação, a literatura juvenil carrega o estigma de literatura tendenciosa e moralista. Tal visão traz à tona pontos desconfortáveis que questionam a legitimidade da literatura juvenil, ou a rebaixa a uma categoria de literatura menor. Outro ponto que põe em cheque a literatura juvenil é o fato de que sua produção está estritamente ligada ao mercado editorial que tem por objetivo principal produzir mercadoria, o livro, que agrade pais e leitores garantindo efetivamente o lucro ambicionado. A literatura juvenil aqui é compreendida como aquela destinada ao adolescente, como assinala Cruvinel (2009)

[...] voltada para um leitor adolescente – em uma idade socialmente aceita como de aprendizagens e provas para se alcançar a idade adulta –, há uma preocupação de, em meio à trajetória da personagem, levar o leitor a refletir sobre a formação do ser humano (CRUVINEL, 2009, p.11).

A autora aponta que, em geral, há uma tendência em negar a existência de uma literatura juvenil, sobretudo por parte dos próprios escritores do gênero, numa tentativa desviar-se de um estereótipo de escritores de uma literatura menor por ter seu processo criativo comprometido e interferido pelos interesses mercadológicos dos setores editoriais. Esses estereótipos são fundamentados por características que moldam a escrita das narrativas juvenis. Comumente, essas ficções trazem histórias de jovens que passam por situações que ao desenvolver do enredo conduzem ao seu amadurecimento, de modo que, ao fim da narrativa, se obtenha um aprendizado a cerca de sua formação humana.

Este caráter é também alvo dos críticos a literatura juvenil, pois, estes afirmam que o direcionamento pedagógico influi negativamente no processo de criação literária que preza pela liberdade. Em contraponto a estas postulações, Antônio Candido (1989) fala da literatura

não somente como fonte de deleite e fruição, ele destaca a importância do literário na formação humana.

Dado que a literatura, como a vida, *ensina* na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode se não escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, enfrentando ainda assim os mais curiosos paradoxos _ pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente o que as convenções desejariam banir. Aliás, essa espécie de inevitável contrabando é um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe (CÂNDIDO, 1989, p. 83-84, grifos do autor).

Assim, Cruvinel (2009) ainda coloca que,

Toda literatura é uma forma de educação, independente da temática abordada ou da predeterminação do público leitor. A especificação de literatura juvenil não a exclui da literatura em sentido mais amplo. A particularidade das obras voltadas para os jovens leitores está no desenvolvimento eficaz de formas pertinentes e literariamente articuladas para fazer sentido ao seu destinatário, que está em processo de formação (CRUVINEL, 2009, p.168-169).

No Brasil, José Nicolau Gergorin Filho (2011) traça o percurso histórico da literatura juvenil observando as heranças europeia (colonização portuguesa) e norte-americana (grande poder de influência na então era da globalização).

Desde a vinda dos jesuítas até o final do século XVIII, todos os livros e práticas pedagógicas adotados no Brasil seguiam o modelo português. A partir do século XIX a literatura infantil/juvenil se expande na Europa e esses textos chegam ao Brasil por traduções de Portugal. É válido destacar que a literatura portuguesa dessa época apresentava indícios de conflitos das vozes lusitanas que buscavam marcar uma identidade, tentando se livrar dos modelos francês e inglês. Esses discursos imbuídos do desejo de trazer à tona a identidade local estavam imbricados também na literatura juvenil, e eis que consiste numa marca desse gênero que dá voz ao contemporâneo de modo que traz a luz ideologias e conflitos sociais.

Na segunda metade do século XIX, época em que a escola é reconhecida como principal instituição responsável pela educação das novas gerações, a diversidade de valores contemporâneos foram transpostos para a literatura juvenil, com questionamentos tais como: o papel do homem perante a um universo em transformações constantes; as diversidades culturais, sociais do povo brasileiro e, sobretudo, as vozes e sentimentos dos adolescentes em relação a tudo isso.

As vozes ecoadas nessas produções literárias provocam a reflexão questionadora, sobretudo do autoritarismo e das instituições. A obra lobatiana é referência em tais aspectos

questionadores, não somente nas obras infantis, mas também é fonte inspiradora para autores de literatura pra adolescentes.

No início da década de 40, anos de depressão marcados pela Segunda Guerra Mundial, o homem modificou sua forma de se relacionar, aprendendo a lidar com êxitos e fracassos, redefinindo valores. Em meio a esse contexto, ocorre na literatura a expansão dos quadrinhos, mesclando o maravilhoso e a ciência, o humor e aventura, tendo por personagens os super-heróis aventureiros e destemidos. “A representação literária se confundia com a representação dos ideais pretendidos para a formação do indivíduo numa sociedade que sobrevivia a guerras, já internalizadas de maneira marcante no imaginário de todos.” (GREGORIN FILHO, 2011, p. 35-36).

Em 1950 dar-se destaque a expansão dos quadrinhos, gênero literário de grande lucratividade. É nessa década também que se inaugura a televisão no Brasil, trazendo a tela programações destinada ao público infantil/ juvenil. Em 1961, cria-se a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), a este respeito, Gregorin Filho (2011) observa que,

[...] a leitura passou a ser vista como apoio para atividades de aprendizagem, devendo ser ferramenta para promover o enriquecimento do vocabulário e a compreensão do significado das palavras. Tratava-se, no entanto, do significado absolutamente pragmático e denotativo de uma palavra, servindo como instrumento de comunicação, e não servindo do significado conotativo e amplo, característica da palavra-arte na criação literária. [...] poucos escritores surgiram na literatura juvenil nessa época (GREGORIN FILHO, 2011, p. 38).

Observa-se nessa época que a leitura era condicionada pelo modelo educacional vigente, moldado pela ideologia imposta por seu regime político, de modo que a liberdade artística literária e sua produção ficaram comprometidas. Nesse cenário outras manifestações artísticas ecoavam as vozes de protesto silenciadas nos livros, a exemplo da música com a Tropicália e o *rock-and-roll* que conquistaram os jovens com suas letras desafiadoras apesar da censura.

Já as décadas de 70 e 80 destaca um avanço na literatura para crianças e jovens. A busca pela liberdade de expressão levou as salas de aula vários títulos que discutiam problemas sociais no país, a postura do jovem e seu papel diante desses conflitos. Em 1990, a nova LDB por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e dos temas transversais, abriu-se para novas discursões temáticas nas obras juvenis, trazendo alguns temas outrora considerados tabus, tais como: pluralidade cultural, étnico-racial e sexual.

Gregorin Filho (2011) destaca que na contemporaneidade, a literatura juvenil torna-se mais plural, demonstrando manifestações artísticas e o imaginário brasileiro, sem impor padrões e valores exclusivamente moralizantes. Sobre o futuro,

[...] pode-se inferir que a literatura destinada a crianças e jovens, com o passar do tempo, será mais próxima da realidade cotidiana, sem o bloqueio dos muros de uma escola conservadora, e, cada vez mais, manterá diálogo com as novas tecnologias, visto que o **mercado descobriu nesse gênero um lucrativo nicho, fartamente patrocinado por projetos governamentais** (grifo nosso). (GREGORIN FILHO, 2011, p.47.).

Em razão de ser um “gênero lucrativo” o autor aponta que a literatura juvenil ainda é um gênero adotado pela escola de acordo com seus projetos didático-pedagógico, de modo que a escolha dos livros se processa em razão da temática abordada. Além disso, a discursão de tais temas sobrepõe ou substituem a valorização dos aspectos literários. Gregorin Filho (2011) aponta que esse gênero vive um processo de adaptação, assim como a própria sociedade. Mas é notável que o autor reitere a visão de alguns antecessores, quando afirma que a literatura juvenil é produzida para atender as expectativas pedagógicas ao trazer representações de um universo sociocultural, o qual é moldado por uma ideologia dominante que possivelmente tem pretensões de incorpora-se ao processo formativo de seus leitores.

A adolescência é uma fase de descobertas, de busca pela liberdade, de procura por uma definição de identidade do indivíduo. É também fase de rebeldia, revolta às imposições da família, da sociedade ou de qualquer instituição que tenha por objetivo domar seus instintos de busca por si mesmo. Deste modo, é possível compreender que, por mais que haja uma ideologia dominante que estabeleça parâmetros para elaboração de uma produção literária que fale ao jovem, estes não darão atenção a aquilo que lhe interessa como acontece com as crianças e adultos. Por mais que lhe seja imposto pela família ou na escola, só cativará a esse leitor a obra que tiver conteúdos que o seduzam, para que possa lê por prazer e não somente por obrigação, pois, desta forma haverá a formação de um sujeito leitor e não somente de um aluno que lê.

4. LEITURA E LITERATURA, O QUE DIZEM ESSES JOVENS: ANALISANDO OS DADOS COLETADOS

Neste capítulo, serão apresentados os dados coletados durante essa pesquisa, através do questionário aplicado aos alunos do 9º ano. Haverá momentos em que esses dados dialogarão com as informações fornecidas por outro questionário respondido pela professora de Língua Portuguesa dos mesmos. O instrumento destinado aos estudantes foi desenvolvido com o intuito de observar a relação desses jovens leitores com a leitura e a literatura juvenil em seu processo de formação no Ensino Fundamental. Após as questões introdutórias que traçam o perfil destes, as indagações subsequentes trazem temas que fomentam as reflexões aqui propostas.

4.1 Análise sobre a relação com a leitura e a literatura

A leitura é indissociável do processo de formação escolar. O ato de ler abre os caminhos que direcionam para as mais variadas áreas do saber e a literatura tem poder de humanizar, suavizar e sensibilizar o ser humano durante a sua caminhada. Mas, nem sempre o indivíduo encontra-se cômico deste processo.

A análise dos dados coligidos nos questionários nos revela que ao serem indagados se gostam ou não de ler, 73,4% dos alunos afirmam que sim, enquanto 25,3% respondem negativamente. Quando pergunta-se sobre a importância da leitura em suas vidas, 10,1% a consideram como uma atividade de pouca importância, ao passo que outros 89,8% consideram-na muito importante.

O que chama atenção no cruzamento destas duas questões é a valorização dada à atividade de leitura, ou seja, há quem não goste de ler, mas que reconhece a importância da leitura para sua vida, o que demonstra uma postura conscientizada destes jovens. Alberto Manguel (1997), diz categoricamente que todos de alguma forma lemos, “Ler, quase como respirar, é nossa função essencial” (MANGUEL, 1997, p. 20).

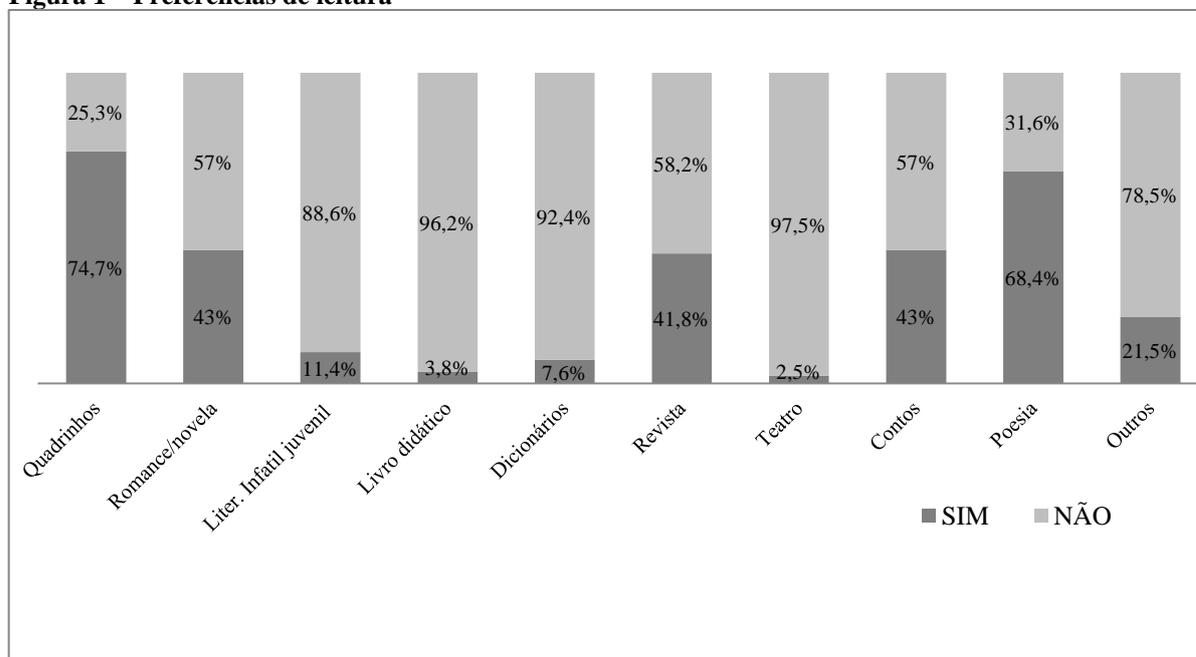
Embora a fala do autor soe como melodias de um leitor apaixonado, a assertiva mostra-se razoável se concluirmos que vivemos numa sociedade em que a leitura é fundamental em todos os aspectos. No segundo questionário, a professora aponta que a influência da família é o ponto de partida para que a criança desperte o gosto pela leitura, assim como o trabalho da escola nas séries iniciais. Ela destaca ainda que é preciso mostrar para as crianças e adolescentes o quão a leitura é necessária durante toda a vida

Ao serem perguntados se costumam ir à biblioteca, apenas 1,3% respondem que sim, 59,5% só às vezes e o restante, 39,2%, dizem que não. Embora seja um percentual desanimador, esse dado reflete um aspecto negativo no que se refere à estrutura da escola. Na verdade, não há uma biblioteca propriamente dita, o que existe na instituição é um espaço onde se encontram vários exemplares literários (e outros gêneros), mas que não estão organizados numa estrutura condizente com a de uma biblioteca. É válido ressaltar que durante a aplicação do questionário, foi explicado para os alunos que a biblioteca a qual a questão se referia era esse espaço de leitura da instituição e/ou a biblioteca municipal. Na sala ficam guardados outros materiais de recurso, não há bibliotecário ou funcionário responsável e também não fica aberta ao público, quando necessário utilizá-la, o professor pega a chave no horário desejado, e a tranca no final da aula.

A questão seguinte indaga se costumam pegar livros por vontade própria e 35,4% afirmam que sim, e 50,6% às vezes, ou seja, eles não vão com frequência ao espaço de leitura, mas quando isso ocorre, um número considerável de estudantes busca por leituras autônomas.

Neste espaço de leitura há uma variedade de gêneros, os quais os alunos dispuseram suas preferências da seguinte forma:

Figura 1 – Preferências de leitura



Os números revelam certa preferência para determinados gêneros. Os quadrinhos lideram este *ranking* e a revista também abarca um bom percentual de leitores. Esses dados mostram um caminho convidativo para alcançar aqueles alunos ainda indispostos à atividade de leitura literária. Curiosamente, apenas 11,4% disseram procurar por literatura

infantil/juvenil, talvez pelo fato de não se ter bem delimitado o conceito ou a consciência de que existe um gênero literário destinado aos jovens, pensado em suas especificidades cujas produções são desenvolvidas com o intuito de agradar sua faixa etária.

Quanto ao uso do livro didático e dos dicionários, esses não estão entre os preferidos do alunado. Tais dados não impressionam, pois estes gêneros já fazem parte da rotina em sala de aula, mas sinalizam para o fato de que o professor precisa ir além destes suportes se quiser de fato construir um trabalho atrativo para que os educandos desenvolvam o apreço pela leitura.

Houve gêneros literários que também obtiveram uma aceitabilidade significativa como a poesia, os contos, os romances e as novelas. Desse modo, é possível inferir que estes alunos já possuem um gosto pela leitura literária, embora seja pouco explorada no ensino fundamental, mas, escolhem-na com frequência nos momentos de leitura espontânea. Os dados referentes à preferência por esses gêneros são contrapostos pela fala da professora quando indagada acerca desta questão em dois momentos:

Pergunta 4 – Como você julga o desempenho de seus alunos em relação à leitura do texto literário? Bom – Razoável – Precário. Justifique.

Professora – Não, meus alunos não demonstram vontade para ler obras literárias. Quando conseguimos realizar este tipo de atividade é com bastante persistência, estímulo. O processo de convencimento para que meus alunos leiam bons livros é muito cansativo. E a maioria deles lê por obrigação.

Essa contradição indica que há um descompasso em relação à visão docente e a opinião dos alunos. Pelo que nos é possível observar, a partir dessas informações, as leituras exigidas em sala de aula não tem uma boa recepção por parte do alunado, mas isso não significa que eles repilam o texto literário, tendo em vista que quando há momentos de escolha, isto é nas visitas ao espaço de leitura, estes alunos comumente optam por gêneros literários. A cerca da diversidade de gêneros, Gregorin Filho aponta que,

Na adolescência, é importante trabalhar com gêneros diversos a respeito de um mesmo tema e promover possíveis relações entre eles, a fim de que o leitor possa ampliar sua capacidade de dialogar com outras formas de produção textual e discursos: intertextualidade e interdiscursividade (GREGORIN FILHO, 2011, p.68).

Desse modo, percebe-se que há uma necessidade de insistir no incentivo as leituras de gêneros diversos, tendo em vista que cada indivíduo tem um processo subjetivo de apreensão do conhecimento.

No que se refere à posse de obras literárias, 48,1% dos alunos disseram ter livros de literatura em casa, ainda que em pequenas quantidades, pois deste universo 30,4% só tem de um a cinco exemplares, mesmo assim 54,4% dos alunos disseram que gostariam de ter mais obras literárias em casa. Essas informações denotam certo decréscimo pelo interesse literário, quando comparado ao número de alunos que gostam de leitura, embora esteja bem próximo aos percentuais que têm entre suas preferências os gêneros literários, como fora visto acima. Lamentável, entretanto, é o percentual de 50,6% de estudantes que não possui nenhuma obra literária em sua residência. Esses dados refletem ainda o quão é incipiente o incentivo à leitura nos núcleos familiares. A maioria dos sujeitos pesquisados vive em situação de baixa renda. No entanto, há indícios que apontam não ser esta a causa principal que inviabiliza a posse de livros literários em casa.

Observa-se que no questionário, 79,7% dos alunos afirmou utilizar o aparelho celular como suporte de acesso a internet. Embora esses aparelhos não sejam tão baratos, a maioria destes estudantes os tem em posse, em contrapartida, muitos deles não tem sequer um livro de literatura em casa. Esse confronto de dados revela o que já tem sido dito por professores e gestores escolares: nem sempre a família caminha junto com a escola; é dada a escola a função de educar, a família reconhece a importância da leitura, mas por vezes se isenta de seu papel de contribuir com esse processo de formação.

Na questão seguinte, apontam-se as dificuldades em adquirir livros: para 20,3% dos discentes o alto preço é a principal barreira existente para sua obtenção; a dificuldade de acesso, por não haver livrarias na cidade é apontada por 32,9% como maior dificuldade e 46,8% dizem não possuir mais livros, por não encontrar seus livros de interesse.

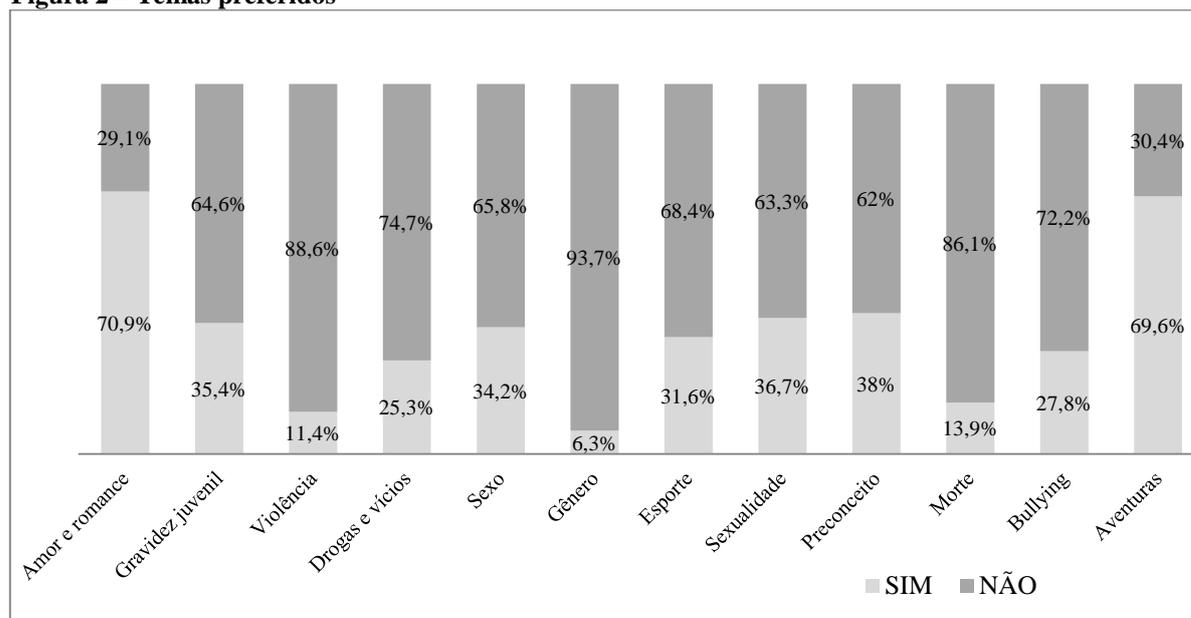
Essas informações apontam para a precariedade do acesso às obras literárias em municípios interioranos, como é o caso de Mutuípe. Na cidade não há nenhum sebo ou livraria, as únicas opções de compra são em alguns pontos de outras atividades comerciais que vendem livrinhos infantis, livros bíblico-religiosos e edições condensadas de obras clássicas da literatura brasileira.

Tal precariedade no que se refere ao acesso à posse de livro contribui para uma formação deficiente. Também por esse motivo as famílias compram menos livros para seus filhos, pois nem todos tem conhecimento destes poucos pontos de compra, que tem opções reduzidas e nem sempre atrativas. A maioria dos alunos reside na zona rural e não tem tempo de frequentar a biblioteca municipal. Dos que moram na zona urbana, muitos vivem nas partes periféricas, longe dos espaços de leitura. Desse modo, pode-se confirmar que essas

dificuldades de acesso à posse do livro corroboram com a defasagem na leitura, ao passo que obstaculizam tais indivíduos de ampliar sua relação com o universo literário.

Consideradas estas severas restrições, ressalve-se que as leituras de obras literárias fazem parte da vida de uma parcela destes jovens. Durante a escolha de suas leituras, há temas que chamam mais atenção do que outros, como nos mostra o presente gráfico:

Figura 2 – Temas preferidos



Os temas amor/romance e aventura lideram a preferência desses adolescentes. Em contrapartida, outros temas, que tratam de problemas que podem inevitavelmente passar na vida desses adolescentes, tiveram uma preferência tímida: o *bullying*, preconceito, drogas e vícios, gravidez juvenil, violência e morte. O sexo, em geral apresentado como uma temática capaz de atrair a atenção da juventude, recebe a preferência de menos da metade do público pesquisado

Outrossim, sobre as questões temáticas, foi perguntado a professora:

Pergunta 7—O nono ano do Ensino Fundamental é composto por alunos já na fase da adolescência. Nesta época da vida vários temas tabus surgem na mente desses jovens. Você traz a tona esses temas em sala de aula? A literatura juvenil tem sido um suporte para tratar de tais assuntos? Explique como tem sido.

Professora— Sempre estamos relacionando os problemas que ocorrem, na escola, com algumas leituras. Estamos tentando fazer com que o nosso aluno aprenda a fazer relações entre fatos do seu cotidiano com os relatados nos textos – intertextualidade. A escola desenvolve estas ações de leitura através de projetos de leitura. Os projetos são elaborados a partir de questões conflituosas que nascem dentro da escola e da comunidade, na qual a escola está inserida.

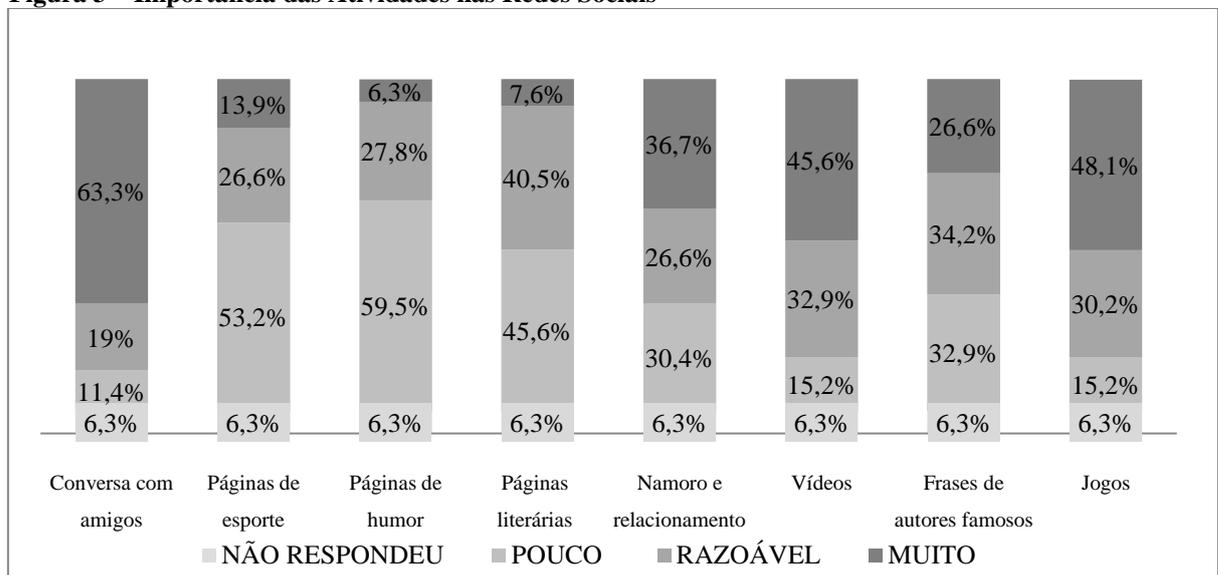
Durante o processo de estágio supervisionado em duas destas turmas, foi possível observar que a docente tem de fato a preocupação em trazer essa diversidade nos textos que escolhe para trabalhar em sala de aula. Na prova final da unidade, por exemplo, foi elaborada com a utilização de textos que falavam sobre gravidez na adolescência, racismo, “ficar”.

4.2 Internet, uma possibilidade de suporte de leitura

O espaço virtual tem conquistado cada vez mais o público juvenil. A convivência em contexto escolar tem mostrado que essa ferramenta esta cada vez mais acessível aos adolescentes, pois, por mais que pertença a uma condição social de pouca remuneração, dificilmente se encontra um adolescente que não tenha posse de um aparelho que o coloque em contato com o universo virtual. Infelizmente, pais e professores têm chegado à conclusão de que esse suporte mais atrapalha do que ajuda o estudante, tendo em vista os momentos destinados aos estudos ter perdido espaço para utilização destes suportes, que raramente são usados com fins didáticos.

No questionário os alunos respondem questões sobre o acesso e uso da internet como suporte de leitura. Desse conjunto, 79,7% afirmam ter acesso à internet e 79,7% utilizam o celular ou *smatphone* como suporte de acesso aos ambientes virtuais. É possível observar que o celular tem presença constate nas salas de aula, muitas vezes competindo com a atenção do professor, decorrendo inclusive em pequenos conflitos. Há outros suportes que são utilizados, mas em escala bem menor como notebooks (16,5%), computadores (17,7%), tabletes (20,3%) e sala de informática (15,2%).

Figura 3 – Importância das Atividades nas Redes Sociais



O gráfico (cf. figura 3) demonstra a importância que esses jovens dão a determinadas atividades durante o uso das redes sociais. Os dados apontam que a conversa com amigos lidera as atividades realizadas com a internet. Jogos e vídeos também são bastante acessados por estes jovens. Os números sobre namoros e relacionamentos foram bem tímidos, embora essas atividades façam parte da vida dos indivíduos desta faixa etária.

As páginas de humor também não tiveram muita aceitação, talvez porque a visita aos vídeos já exerçam essa função de ter acesso aos conteúdos de teor humorístico. As páginas de esporte também tiveram uma preferência reduzida, o que não causa estranheza devido ao pequeno número de garotos participantes da pesquisa já que, historicamente a preferência por conteúdos esportivos está atribuída predominantemente ao público masculino, muito embora não seja uma regra.

É interessante notar que, quando questionados se acessam páginas literárias, a maioria respondeu negativamente, porém, números consideráveis acessam as chamadas “páginas de frases de autores famosos”. Essas páginas se referem principalmente às páginas no *Facebook* que levam nome de poetas, autores literários ou famosos de outros segmentos. O fato é que essas páginas têm milhares de “curtidas” e “visualizações”. Nem sempre tais espaços virtuais são criados para divulgar a vida e as obras das personalidades as quais fazem alusão.

Quando se trata de autores literários (tais como Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu, Mia Couto e tantos outros) há várias páginas que expõem textos e citações, nem sempre contextualizadas e/ou autênticas. Mas é interessante ressaltar que, apesar de nem sempre haver uma fidelidade do que está sendo divulgado é fato que por esses meios, muitas pessoas, principalmente adolescentes têm acesso a textos literários de forma rápida e atrativa. Além do acesso fácil por essa via, a literatura por esse meio de exposição é divulgada, pois, comumente ao sensibilizar-se com esses textos, o leitor “compartilha” em sua rede social, fazendo com que mais pessoas tenham acesso.

A adolescência dialoga intimamente com os avanços tecnológicos, sobretudo na área da comunicação. Gregorin Filho (2011) ressalta que existem diversas possibilidades de construções imagéticas por meio da literatura juvenil, não se limitando somente a linguagem verbal. Por isso, é necessário que a internet deixe de ser considerada uma concorrente incômoda na disputa pela atenção do aluno, para que se torne mais uma ferramenta auxiliadora no processo formativo, nas mais variadas áreas de conhecimento e, inclusive, como suporte de acesso do texto literário. Tal possibilidade, inclusive, pode ser uma alternativa a dificuldade de acesso ao livro impresso.

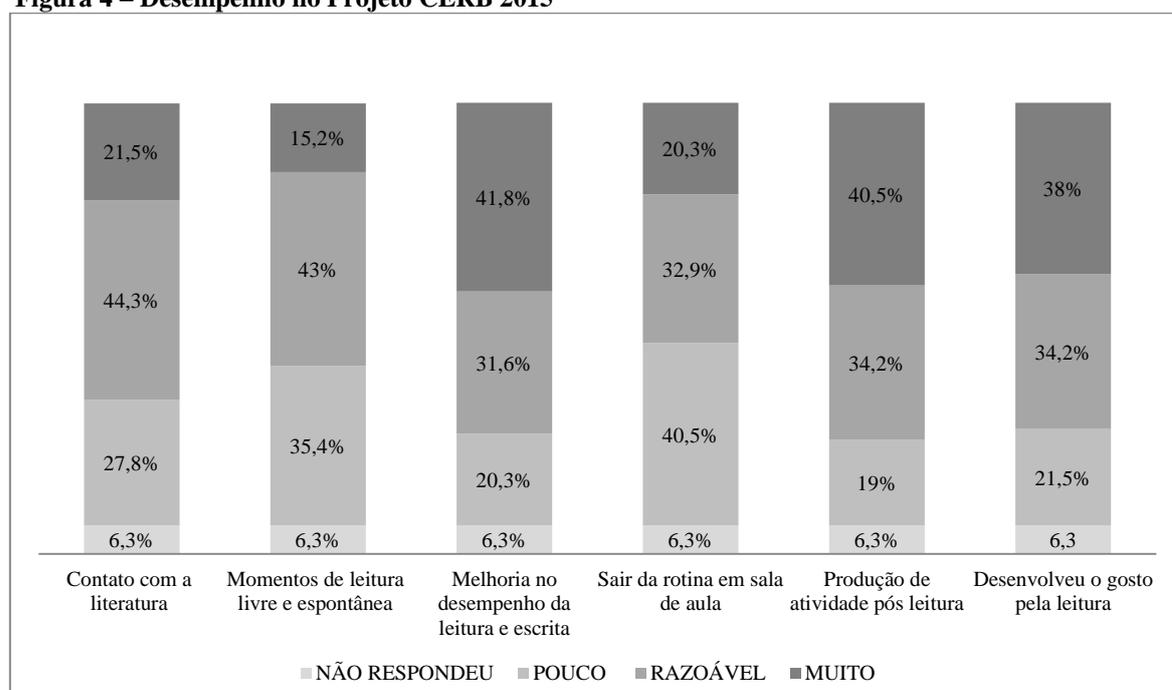
4.3 Recepção ao projeto de leitura da instituição

As questões que se seguem buscam analisar o impacto causado pelo Projeto de Leitura desenvolvido na unidade escolar durante o ano letivo. O Projeto de Leitura, intitulado “Ler bem para escrever melhor”, o qual teve acesso através da coordenação pedagógica, foi criado com intuito de aprimorar a capacidade de leitura e escrita dos alunos, considerando que a escola não conseguira atingir a meta de aprovação estabelecida no plano de ação do ano anterior.

Após resultados insatisfatórios apresentados na primeira e segunda unidade do ano vigente, a escola criou esse projeto de intervenção, visando melhorar o desempenho da leitura, pois constatara que este era um dos maiores problemas do processo de aprendizagem, pois se refletia em todas as áreas de ensino. O projeto proporcionou atividades diversas, tais como: roda de leitura semanal, estudo dirigido das literaturas, roda do reconto (sala de aula, espaço livre), atividades e discussões em sala de aula, produção textual, ilustrações.

O projeto desenvolveu-se na terceira e quarta unidades. Ao serem inquiridos sobre o projeto, 77,2% dos alunos do nono ano disseram ter gostado do mesmo. Eles também avaliaram os possíveis resultados do projeto em relação aos seus respectivos desempenhos, como se pode observar a seguir:

Figura 4 – Desempenho no Projeto CERB 2015



Em geral, nota-se que os alunos apontaram um desempenho positivo em relação ao projeto, principalmente no que se refere a “melhoria no desempenho da leitura e da escrita” ou mesmo que “desenvolveu o gosto pela leitura”. Nas questões subjetivas, quando solicitados a expor um breve comentário sobre o projeto, esse dois pontos foram os mais apontados. Do mesmo modo, a professora também avaliou positivamente as ações do projeto:

Pergunta 10 – O projeto de leitura foi um incentivo a melhoria da leitura e da escrita, você considera que houve resultados satisfatórios? Você consegue vislumbrar resultados também de alcance do desenvolvimento pessoal desses alunos? De que forma conseguiu notar esses resultados?

Professora – Sim. Houve resultado satisfatório, pois o objetivo maior do projeto era despertar o gosto pela leitura. E já na segunda semana de leitura os alunos pediam aos professores livros para ler em casa. Recomendavam os livros lidos para os colegas. Muitos perderam o medo de ler em voz alta, dentro da sala, tornaram-se mais confiantes. Outros começaram a expor-se, oralmente, com mais fluência, a relação com o professor tornou-se mais próxima. E isso, para mim, foi um passo muito importante dado na escola. Diria que foi um sucesso! Ano que vem tem mais...

A voz da professora apresenta um tom otimista para realização deste tipo de intervenção. Todavia, os itens nos quais predominou a resposta “razoável” revelam que apesar da satisfação, para esses alunos ainda há pontos no projeto que precisam ser aperfeiçoados, como fora exposto em algumas respostas subjetivas que solicitam comentários, dos alunos, sobre o projeto:

O projeto foi muito ruim por que os professores só fez dá um livro pra gente e mais nada foi horrível (Aluno 4).

Eu achei que foi bom, mas poderia tirar mais tempo para levar os alunos para biblioteca (Aluno 5).

4.4 Análise sobre a literatura juvenil trabalhada em sala de aula

As últimas questões objetivas dispõem sobre a opinião dos estudantes sobre a literatura juvenil trabalhada em sala de aula a quarta unidade. Segundo a professora, a obra fora escolhida após descartar outras opções, por causa da dificuldade de acesso e alto preço de suas reproduções (fotocópias). Ao analisar o enredo de *A Metamorfose* de Lívio (2009), de Liana Leão, a docente decidira por tal escolha:

De imediato, li o resumo do livro na sala e os alunos se interessaram. E a xerox ficou bem baratinha porque o livro é pequeno. Acredito que os alunos gostaram do tema porque muitos deles são vítimas de algum tipo de *bulling* “resenha” dentro da escola. E também pelo fato de ser um conto de ficção

muito interessante, bem escrito, de leitura leve... e com um enredo bem surpreendente! (Professora)

A expectativa da professora se confirmou, pois, 84,8% dos alunos afirmaram ter gostado do livro. Sobre o livro, em suas respostas, muitos fizeram um pequeno resumo do enredo, outros relacionaram a ficção com fatos da vida real, outros ainda destacaram o aspecto moral da obra:

Foi um livro ótimo e refletiu muito sobre o preconceito e as formas de ver a sociedade (Aluno 10).

O livro foi uma coisa que deu sentido a muita coisa, pois nos mostrou que não importa como você é mas falou também do seu jeito de ser ou de se comunicar com as pessoas. Isso prova que somos todos iguais (Aluno 33).

O livro conta a estória de Lívio, um menino extremamente tímido e retraído que num dado momento sofre *bullying* dos colegas por causa dessas características. Por isso, foi perguntado aos alunos se havia identificação com o protagonista da estória e 13,9% afirmaram que sim e, 53,2% disseram que um pouco. Esses dados revelam que em algum momento esses alunos passaram por alguma situação parecida com a da personagem, inclusive alguns expuseram essas experiências nas questões subjetivas:

A metamorfose de Lívio é muito bom. Ele é um menino parecido comigo, tímido, magro, alto eu me identifiquei com ele muito (Aluno 21).

O livro 'A metamorfose de Lívio' pra mim tem muito a ver com uma fase da minha vida quando eu saí da cidade de Salvador para vir pra cá, para Mutuípe (Aluno 25).

Esse livro me fez lembrar um pouco da minha infância. Gostei muito dele e vou procurar recomendar ele pra quem conheço (Aluno 26).

Em “A Metamorfose de Lívio”, o protagonista (Lívio) transforma-se num animal asqueroso para o espanto de todos. Qualquer semelhança com “A Metamorfose” de Franz Kafka (1915) não é mera coincidência, tendo em vista que a obra de Liana Leão é inspirada na narrativa do escritor tcheco. Na versão da autora, não só o jovem retraído se transforma num animal. Num momento de tensão trancados na sala de aula, todos os colegas que antes caçoavam dele também se transformam em insetos.

Diferente do protagonista de Kafka que se torna cada vez mais isolado pelos demais ao assumir sua condição animalesca que o leva a morte, na narrativa de Liana Leão num dado momento os colegas de Lívio também assumem essa condição se colocando no lugar de Lívio. Ao fim da narrativa, após viverem a experiência animalesca, todas as crianças aprendem à lição ensinada pelo garoto lagartixa: “Crescer é aprender a respeitar os nossos

limites e os limites dos outros, e as nossas impossibilidades e as impossibilidades dos outros, pois somos todos imperfeitos, demasiados humanos” (LEÃO, 2009, p. 35). Através dessa experiência, o garoto tímido e retraído passa a ter amigos, e deixa de sofrer *bullying* da escola.

A autora utiliza essa citação e também outras referenciadas do livro “Diferentes, pensando conceitos e preconceitos” na qual eleva o teor moralista que é impregnado na obra. Todavia, quando perguntados se conhecem o livro de Kafka, o qual motiva a obra trabalhada em sala de aula, 48,1% afirmam nunca terem ouvido falar, outros 36,7% disseram que já ouviram falar, embora nunca o tenham lido e 15,2% disseram já terem lido “A Metamorfose” de Kafka.

Sobre o trabalho com a literatura em sala de aula, fora feita a seguinte questão à docente:

Pergunta 9 – Segundo Antônio Cândido (1989) “A arte literária é um bem incompressível porque, sobretudo, coloca o homem em contato com a sua própria humanidade”. Como você vislumbra a relação literatura e formação humanística no trabalho em sala de aula?

Professora – Como a literatura tem como fim despertar a subjetividade de quem tem acesso a ela, acredito que quando o aluno ler e faz uma intertextualidade ele acaba, de alguma forma, refletindo sobre os temas que são abordados na obra. Uma obra literária quando lida pode fazer chorar, emocionar, despertar raiva, ódio. Pode fazer o leitor questionar as atitudes positivas e negativas dos protagonistas e antagonistas da narrativa. E diante, de todas estas perspectivas de leitura, o leitor pode e deve fazer suas próprias leituras sobre o texto literário lido. Penso que uma obra literária, quando bem trabalhada, em sala de aula, pode acrescentar e muito na vida dos adolescentes. Após a leitura eles não serão os mesmos de antes da leitura. Alguma coisa há de ficar em seus pensamentos, suas ações, atitudes e comportamentos.

Observa-se que a professora a todo tempo busca relacionar o texto literário com contexto de seu aluno através da intertextualidade. Ela faz menção ao intertexto quando fala sobre a relação dos textos que tratam de temas tabus com o contexto de seu alunado, e volta a utilizar a intertextualidade quando provocada a refletir sobre a relação da leitura literária e a formação humanística do indivíduo.

A questão subjetiva 23 indagou aos alunos qual a concepção de literatura que eles tinham em mente. Para esta pergunta houve as mais variadas respostas, que foram categorizadas como é exposto (cf. tabela 1) a seguir:

Tabela 1 - Definição de literatura

PARA VOCÊ O QUE É LITERATURA?	
CATEGORIA	PERCENTUAL
Atividade de leitura	24,1%
Não formulou resposta	15,2%
Algo muito importante	10,1%
Forma de viajar na imaginação (divertimento)	10,1%
Uma coisa boa	8,9%
Arte que expressa sentimentos	8,9%
Novo tipo de leitura	6,3%
Não respondeu	3,8%
Um livro bom	3,8%
Aperfeiçoar as habilidades de leitura e escrita	2,5%
Forma de adquirir cultura	2,5%
Forma de interação com o outro	2,5%
Algo insignificante	1,3%
Total	100,0%

Fonte: dados da pesquisa.

A tabela mostra que a maioria dos alunos ainda tem uma concepção de literatura como atividade de leitura. É notório também que muitos ainda não têm uma resposta formulada para esta questão, o que não causa estranhamento, tendo em vista que durante o Ensino Fundamental as aulas de Língua Portuguesa ainda não aprofundam nas questões literárias, que normalmente são exploradas com maior profundidade no Ensino Médio.

Outras definições denotam uma maior sensibilidade para com o literário, como por exemplo, a concepção de literatura como objeto de divertimento, arte que expressa sentimentos e/ou algo muito importante que, apesar de ser uma definição vaga não deixa de depositar seu peso valorativo sobre o que é questionado.

Os dados analisados provocaram reflexões acerca de como está sendo trabalhada a literatura juvenil em sala de aula. Observam-se em alguns momentos alguns descompassos entre a visão docente e as respostas discentes. Há dados que mostram que, apesar de todo pessimismo com que tem sido analisada a realidade na escola pública, ainda há números que fazem manter viva a esperança em dias melhores. Embora a negativa prevaleça, é possível fazer com que o jovem leia sim, mas é preciso observá-los, buscar seus temas de interesse, promover mais momentos de leitura livre, afinal são adolescentes, jovens e têm sede de liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Literatura é ler, se descobrir.

(Aluno 69)

Se durante a infância e a adolescência a literatura fizera parte da minha vida, tornando-a mais doce, leve, significativa; quando adulta a graduação me trouxe a consciência e a certeza de sua indispensabilidade. Durante a pesquisa, a pesquisadora também enquanto sujeito do espaço observado, pode transportar as lembranças da leitora adolescente naqueles estudantes que timidamente solicitavam os livros do espaço de leitura.

Trabalhar com a literatura juvenil nesse processo de pesquisa, trouxe um alento no que se refere à visão pessimista do que tem sido compreendida a profissão docente, sobretudo em relação ao trabalho com a leitura e o texto literário em sala de aula. Apesar dos desafios, como falta de estrutura adequada, salas cheias, indisciplina de alunos, cansaço e tantos outros, pude perceber que ainda existem possibilidades de levarmos a literatura aos jovens. Através de algumas estratégias, a exemplos da criação de projetos, é possível provocar o adolescente a experienciar o texto ficcional, trazendo-o para sua rotina como objeto de deleite, para além das obrigações escolares.

Esta pesquisa se propôs promover uma reflexão sobre a importância da literatura juvenil no processo de desenvolvimento do hábito e do gosto pela leitura, tendo como um dos seus objetivos entender o que vem a ser a literatura juvenil e seu processo de criação na contemporaneidade. Através de estudos realizados em torno das especificidades da literatura juvenil, foi possível observar que este gênero tem por objetivo principal estabelecer uma relação de diálogo com o seu público alvo: o adolescente. Desse modo, por essa via ficcional, seus autores procuram utilizar de uma linguagem mais próxima de seus leitores, fazendo uso de gírias e expressões próprias do contexto juvenil, por exemplo. Notam-se também indícios de preocupação com o amadurecimento pessoal da personagem, revelando a ideia de formação pessoal do leitor adolescente a partir de resoluções de conflitos íntimos e com o mundo.

No Brasil, contemporaneamente, a literatura juvenil tem se tonado mais plural, trazendo manifestações artísticas que dialogam com o imaginário brasileiro, sem impor padrões e valores exclusivamente moralizantes, acompanhando o ritmo das tendências da produção literária no país.

Em razão dessas características que lhe dão corpo, críticos apontam que a literatura juvenil carrega em si o peso das determinações do mercado editorial. Por isso, muitas vezes é questionado o seu valor literário, tendo em vista que, segundo seus opositores, este gênero acaba sendo moldado para agradar pais, professores e leitores, tornando-a uma literatura “presa” no que se refere ao seu processo de criação. Outrora é compreendida ainda, como obras de formação, que têm em sua essência a missão de defender uma moral ou uma ideia, comprometendo a liberdade criativa do escritor.

Em defesa da literatura juvenil, é possível lembrar Antônio Cândido (1989) e Larissa Cruvinel (2009) quando afirmam que toda literatura contribui para formação do ser humano. A literatura forma como a vida e por esta ganha forma, tanto através da compreensão de mundo de cada um, como por meio das experiências vicárias que nos são apresentadas pelas personagens do texto ficcional. Ademais, no que concernem as apreciações do mercado editorial, há se fazer justiça, pois, num universo capitalista em que si vive, dificilmente há de se isentar os artistas de eventuais anseios mercadológicos, independente do gênero literário. O fazer literário é livre, mas há uma busca por recepção, o que inevitavelmente condiciona seu processo de criação, independente de uma maior inflexão por uma faixa etária específica.

Em contrapartida, apesar das críticas por ter um público predestinado, condicionada por escolhas de temas e abordagens, são também essas características que dão validade e importância à literatura juvenil. O leitor é livre para fazer suas escolhas literárias. Nada impede um adolescente de preferir as obras clássicas do cânone, inclusive com leituras complexas, ideias abstratas, mas, é muito bom saber que existe uma literatura que é feita para estes leitores.

É bom saber que haverá obras que abordem temas modernos, que falem numa linguagem próxima do jovem, com personagens na sua faixa etária, vivendo situações, conflitos e experiências próximas às suas. A adolescência é um período marcado por conflitos internos e a descoberta de si. A literatura juvenil estabelece uma relação de proximidade com o jovem leitor, contribuindo com seu processo de formação leitora, embora esse processo inicie muito antes da adolescência.

Contemporaneamente, um dos suportes que mais tem dialogado com a adolescência é a internet. Por isso, foi possível observar que este instrumento está cada vez mais presente no cotidiano do alunado. Os dados analisados revelaram que é possível utilizar o ciberespaço como ferramenta auxiliadora no processo de formação leitora e para incentivo a ascensão ao universo literário.

No entanto, nota-se a necessidade da escola se desprender do receio ao novo. Afinal, a internet pode ser uma parceira da escola, inclusive nas aulas de literatura. Por ser um suporte de alta aceitação dos jovens, pode ser explorada de várias formas, não somente nas aulas como também na execução dos projetos: compartilhar o conhecimento e as produções criando páginas no facebook, twitter, blogs, sites ou outros meios para divulgar atividades de produções literárias, realizar atividades de pesquisa e tantas outras possibilidades. Por sua via, por exemplo, é possível ter acesso aos clássicos do cânone e obras mais recentes, trabalhar com os mais variados gêneros, realizar atividades com imagens, conhecer os movimentos estéticos, além de aprimorar as habilidades da leitura e da escrita.

A atividade literária não precisa se ver ameaçada pelas redes sociais, pode inclusive se realizar de modo mais divertido, diferente, criativo e variado, fazendo mais sentido para essa geração conectada.

A adolescência é considerada por pais, psicólogos e professores como uma fase difícil. Fase de rebeldia, namoros, intensa presença das redes sociais dentre outros aspectos que competem com a atenção de seus educadores, logo se constitui um desafio a promoção de práticas de ensino que surtam efeito. Para facilitar este trabalho, é importante buscar saber quais as preferências por gêneros e temas destes jovens. Com isso, não significa que a escola deve trabalhar apenas com as preferências de seu alunado. Todavia, é preciso ouvi-los, traçar estratégias que promovam uma diversidade temática e de gênero, não somente no intuito de agradá-los, mas também com a finalidade de propiciar uma formação que possibilite um trabalho diversificado.

Durante esta pesquisa também se propôs discutir a experiência de leitura literária em sala de aula no Ensino Fundamental II. Para isso, foi analisado o trabalho com uma obra literária juvenil, “A Metamorfose do Lívio”, de Liana Leão (2009), nas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Ruy Barbosa, no município de Mutuípe – (BA). Através das respostas dos alunos em relação ao estudo desta obra, foi possível observar a importante contribuição da literatura juvenil no processo de formação do leitor. O livro foi trabalhado durante o projeto de leitura da instituição escolar e, este projeto nasceu da necessidade de se criar uma intervenção para que se desenvolvesse de modo mais eficiente à atividade de leitura nesta escola.

Dessa forma, foi possível perceber que, com uma leitura mais acessível ao público juvenil, de tema moderno, próximo ao cotidiano destes sujeitos, repleta de personagens juvenis, a “Metamorfose do Lívio” se revelou uma boa escolha, sendo bem recepcionada pelos alunos. Essa conclusão não foi obtida pelo simples fato dos alunos terem lido a obra,

mas por terem-na compreendido, por fazerem relação com o cotidiano, por alguns se identificarem com o protagonista, pela compreensão da obra em sua totalidade.

Apesar ter sido trabalhada uma obra de volume pequeno, a grandeza da experiência literária pode ser compreendida através da relação de verossimilhança feita por esses alunos, que em certos pontos conseguiram se reconhecer, na obra, por via das características das personagens comuns a qualquer adolescente: alunos jovens, experiência como novato na escola, timidez, medo de fazer amizade, ser vítima *bulling*. Assim, foi possível observar que a obra escolhida para o trabalho em sala de aula proporcionou alguns pontos de identificação com o público alvo.

Outro ponto importante a destacar, é que, ao contrário do que se supõe, há muitos jovens que gostam de ler, e que é preciso haver uma maior liberdade de acesso e escolha dos livros. Sobre o projeto, os alunos relataram ter gostado da iniciativa, destacando principalmente o quão tal atividade ampliou o gosto pela leitura na escola. A professora também frisou os benefícios das ações do projeto, enfatizando que mais estudantes procuraram por livros no espaço de leitura.

A maior parte dos estudantes pesquisados reside na zona rural e, no turno oposto às aulas, retornam aos seus lares sem terem tempo de ir a outros espaços de leitura, como a biblioteca municipal, por exemplo, que fica num ponto distante da escola. Muitos dos que moram na zona urbana residem nas extremidades periféricas, outros trabalham no turno oposto às aulas, ou seja, analisando o contexto de moradia desses alunos, observa-se que o espaço de leitura escolar talvez seja para muitos a única fonte de acesso ao texto literário.

Na instituição trabalhada, não há livre acesso ao espaço de leitura, como ainda ocorre em muitas escolas públicas. É necessário que gestores e professores compreendam que a escola pública deve estar a serviço do aluno, para isso o trabalho, administrativo e pedagógico, deve contribuir para que se criem meios capazes de assegurar o acesso dos jovens estudantes aos espaços que lhes são de direito. No caso específico desta pesquisa, faz-se necessário que os espaços de leituras sejam organizados, com funcionários que orientem os alunos enquanto ao empréstimo de livros, para que estes tenham a liberdade de buscar suas obras de interesse quando desejarem, não tendo o desejo pela leitura e literatura restrito por questões burocráticas.

Outro aspecto, observado durante a pesquisa, diz respeito à constatação de que há pouco incentivo familiar no que se refere à atividade de leitura espontânea. Sendo assim, fica destinado à escola, o papel principal quase que solitário de introduzir o aluno ao universo literário.

A questão que orientou esta pesquisa indagou como a leitura de obras voltadas para o público juvenil pode contribuir para o processo de letramento literário em alunos do ensino fundamental. Ao finalizar este trabalho, foi possível perceber o papel da escola enquanto espaço oportuno para que os jovens tenham a oportunidade de ter contato com o universo literário. A literatura juvenil procura dialogar com seu leitor, assim como a literatura infantil, a literatura do cânone, a literatura em si, de modo proposital ou não, existe para fazer sentir de indetermináveis formas, somente dizíveis através da perspectiva de cada indivíduo. A ficção juvenil contribuiu para a formação literária no sentido de atrair o jovem para o ato de ler, abrindo portas para novas leituras, independente de gênero. Cabe à escola o incentivo à leitura crítica-reflexiva, que provoque o sujeito leitor, que o torne questionador, pois, a ideia não é formar leitores passivos, sem que haja o mínimo de retorno da experiência literária.

São muitas as questões que desafiam o fazer docente em relação à interação com o alunado acerca de seu envolvimento com a leitura e o literário. A leitura é fundamental durante toda vida do indivíduo, seja de modo subjetivo ou pragmático. A literatura proporciona uma compreensão de leitura de mundo e de si para além da objetividade da vida cotidiana. Através dela vislumbramos as dores e as delícias que existem em cada pedaço do universo que nos circunda. Retomando Antônio Cândido (1989), a literatura nos faz mais humanos, nos aproxima da nossa própria humanidade. Ainda que se questione a literatura juvenil por seu processo de construção, que muitas vezes é condicionado pelas leis do mercado editorial, é preciso por em destaque o diálogo que essa literatura se propõe com seu leitor. Afinal, tal modalidade literária procura sentir as dores, os conflitos, as necessidades, bem como os anseios por aventuras que são próprios da juventude. É como uma amiga adolescente a procura de amigos para desabafar ou simplesmente para contar os “babados” que lhe ocorre, embora seja uma amiga por vezes um pouco mais velha e um tanto ajuizada, que ao fim de suas histórias procura dar alguns conselhos ou ensinamentos a fim de contribuir com as experiências de vida de seu confidente.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antônio. *A literatura e a formação do homem*. In: Textos de intervenção; seleção apresentações e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas cidades Ed.34, 1989.

CRISTÓFANO, Sirlene. *A Literatura e as novas tecnologias: a formação de leitores ativos em múltiplos suportes*. Darandina Revisteletrônica – UFJF, vol. 03, nº. 01, p. 1-13, 2010. Disponível em: << <http://www.ufjf.br/darandina/anteriores/v3n1/artigos/>>>

CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. *Narrativas juvenis brasileiras [manuscrito]: em busca da especificidade do gênero*. 2009.188f. Tese (Doutorado em letras e linguística) Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2009. Disponível em: << <http://pos.letras.ufg.br/up/26/o/larissa.pdf>>>

DELEUZE, Gilles. *A literatura e a vida*. In: Crítica e clínica. Trad. de Peter PálPelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. Disponível em: << http://www.rogerioa.com/rogerioa/Optativa_files/Deleuze%20-%20Literatura.pdf>>

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 49. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura Juvenil: Adolescência, cultura e formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LAJOLO, Maria; ZILERMAN, Regina. *A construção do leitor*. In: A formação da leitura no Brasil. São Paulo. Ártica: 1996, p. 15-17.

LEÃO, Lina. *A metamorfose de Lívio*. 2. ed. São Paulo: Elementar, 2009.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualificativas*. São Paulo. EPU, 1986, p.11-13.

MACHADO, Ana Maria. *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*. São Paulo. Ártica, 1999.

MANGUEL, Alberto. *A última palavra*. In: *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo. Cia das Letras, 1997.

QUINTANA, Mário. *Nariz de vidro*. São Paulo: Moderna, 1984.

SANTOS, Mônica de Menezes. *Por um lugar para a literatura infantil/juvenil nos estudos literários*. 2011. 267 f. (Doutorado em Letras) Instituto de Letras Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2011. Disponível em: << <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8389/1/Monica%20de%20Menezes%20Santos.pdf>>>

SILVA, Ivanda Maria Martins. *Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar*. In. PG letras vol. 1, p. 514-527, Pernambuco, 2003. Disponível em: <http://www.pgletras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/Artigos/5.%20Melhores%20teses%20e%20disserta%C3%A7%C3%B5es/5.2_Ivanda.pdf>

SOARES, Margarida. *A importância da leitura no mundo contemporâneo*. In e-revista Ozarfaxinars. nº 16 p. 1-13, 2010. Disponível em: <<http://www.cfaematosinhos.eu/ozarfaxinars.htm>>

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Scielo. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <<<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>>> Acesso em 27/02/2015.

Fase da vida? Faixa etária? Construção social? Afinal, o que é Adolescência? Disponível em: <<<http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/adolescencia>>> Acesso em 24/03/2015 as 09:07.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DOS ESTUDANTES

Prezado(a) estudante,

Este questionário faz parte das atividades de pesquisa referentes ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Refletindo sobre o papel da literatura juvenil na formação do leitor”, da discente Anastácia Amorim Santana, graduanda em Letras – LIBRAS /Língua Estrangeira da UFRB. Sua participação é de caráter voluntário, e não será divulgado o nome ou qualquer identificação pessoal dos informantes.

QUESTÕES	RESPOSTAS
1) Qual é sua idade?	
2) Sexo?	<input type="checkbox"/> 1. Feminino <input type="checkbox"/> 2. Masculino
3) Qual seu local de origem?	<input type="checkbox"/> 1. Zona Urbana <input type="checkbox"/> 2. Zona Rural
4) Você gosta de ler?	<input type="checkbox"/> 1. Sim <input type="checkbox"/> 2. Não
5) Você costuma ir à biblioteca?	<input type="checkbox"/> 1. Sim <input type="checkbox"/> 2. Às Vezes <input type="checkbox"/> 3. Não
6) Você pega livros para ler por vontade própria?	<input type="checkbox"/> 1. Sim <input type="checkbox"/> 2. Às Vezes <input type="checkbox"/> 3. Não
7) Qual a importância da leitura na sua vida?	<input type="checkbox"/> 1. Insignificante <input type="checkbox"/> 2. Pouco Significativa <input type="checkbox"/> 3. Significativa <input type="checkbox"/> 4. Muito Significativa
8) Qual tipo de livro você procura na biblioteca ou outros espaços de leitura? (pode escolher mais de uma opção)	<input type="checkbox"/> 1. Histórias em Quadrinhos <input type="checkbox"/> 6. Revistas <input type="checkbox"/> 2. Romance e Novela <input type="checkbox"/> 7. Teatro <input type="checkbox"/> 3. Literatura infanto-juvenil <input type="checkbox"/> 8. Contos <input type="checkbox"/> 4. Livros didáticos <input type="checkbox"/> 9. Poesias <input type="checkbox"/> 5. Dicionários <input type="checkbox"/> 10. Outros
9) Você tem livro de literatura em casa?	<input type="checkbox"/> 1. Sim <input type="checkbox"/> 2. Não
10) Quantos?	<input type="checkbox"/> 1. Nenhum <input type="checkbox"/> 2. até 5 <input type="checkbox"/> 3. até 10 <input type="checkbox"/> 4. mais de 10
11) Gostaria de possuir mais?	<input type="checkbox"/> 1. Sim <input type="checkbox"/> 2. Não
12) Qual a sua maior dificuldade em adquirir livros?	<input type="checkbox"/> 1. São caros <input type="checkbox"/> 2. Falta de livraria em minha cidade <input type="checkbox"/> 3. Não encontro meu livros de interesse
13) Você se interessa por obras literárias que tratem desses temas? (pode escolher mais de uma opção)	<input type="checkbox"/> 1. Amor/romance <input type="checkbox"/> 2. Gravidez juvenil <input type="checkbox"/> 3. Violência <input type="checkbox"/> 4. Drogas e vícios <input type="checkbox"/> 5. Sexo <input type="checkbox"/> 6. Gênero <input type="checkbox"/> 7. Esporte <input type="checkbox"/> 8. Sexualidade <input type="checkbox"/> 9. Preconceito <input type="checkbox"/> 10. Morte <input type="checkbox"/> 11. <i>Bulling</i> <input type="checkbox"/> 12. Aventuras

14) Você tem acesso à internet?	<input type="checkbox"/> 1. Sim <input type="checkbox"/> 2. Não
15) Qual suporte? (pode escolher mais de uma opção)	<input type="checkbox"/> 1. Computador <input type="checkbox"/> 2. <i>Notebook</i> <input type="checkbox"/> 3. Celular/ <i>Smartphone</i> <input type="checkbox"/> 4. <i>Tablet</i> <input type="checkbox"/> 5. Sala de Informática <input type="checkbox"/> 6. Outros
16) Você utiliza a internet como suporte de leitura literária?	<input type="checkbox"/> 1. Sim <input type="checkbox"/> 2. Às Vezes <input type="checkbox"/> 3. Não
17) Qual ordem de importância das suas atividades em redes sociais? 1. Pouco 2. Razoável 3. Muito	<input type="checkbox"/> Conversa Com Amigos <input type="checkbox"/> Páginas de Esporte <input type="checkbox"/> Páginas de Humor <input type="checkbox"/> Páginas Literárias <input type="checkbox"/> Namoros e Relacionamentos <input type="checkbox"/> Vídeos <input type="checkbox"/> Frases de Autores Famosos <input type="checkbox"/> Jogos
18) O que você achou do projeto de leitura do CERB 2015?	<input type="checkbox"/> 1. Ótimo <input type="checkbox"/> 2. Bom <input type="checkbox"/> 3. Regular <input type="checkbox"/> 4. Ruim
19) Avalie os possíveis resultados do Projeto de Leitura do CERB em relação ao seu desempenho. 1. Pouco 2. Razoável 3. Muito	<input type="checkbox"/> Entrar em contato com a literatura <input type="checkbox"/> Proporcionar momentos de leitura livre e autônoma <input type="checkbox"/> Melhoria no despenho de leitura e escrita <input type="checkbox"/> Sair da rotina em sala de aula <input type="checkbox"/> Produção de atividades após as leituras <input type="checkbox"/> Desenvolveu o gosto pela leitura
20) Sobre o livro “A metamorfose de Lívio” foi uma leitura	<input type="checkbox"/> 1. Ótimo <input type="checkbox"/> 2. Bom <input type="checkbox"/> 3. Regular <input type="checkbox"/> 4. Ruim
21) Você se identifica de algum modo com o protagonista do livro?	<input type="checkbox"/> 1. Sim <input type="checkbox"/> 2. Um pouco <input type="checkbox"/> 3. Não
22) “A metamorfose de Lívio” é um livro inspirado em outro livro chamado “A metamorfose” de Franz Kafka, você o conhece, leu ou já ouviu falar?	<input type="checkbox"/> 1. Sim, já li. <input type="checkbox"/> 2. Já ouvi falar, mas não o li. <input type="checkbox"/> 3. Não conheço, nunca ouvi falar.
23) Para você, o que é literatura?	
24) Deixe o seu comentário sobre a leitura do livro “A metamorfose de Lívio”.	
25) Deixe seu comentário sobre o Projeto de Leitura do CERB 2015.	

APÊNDICE B – RELATÓRIO DOS QUESTIONÁRIOS DOS ESTUDANTES

IDADE

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável 0	2	2,5	2,5	2,5
14	14	17,7	17,7	20,3
15	32	40,5	40,5	60,8
16	18	22,8	22,8	83,5
17	6	7,6	7,6	91,1
18	3	3,8	3,8	94,9
19	2	2,5	2,5	97,5
20	1	1,3	1,3	98,7
21	1	1,3	1,3	100,0
Total	79	100,0	100,0	

SEXO

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável FEMININO	60	75,9	75,9	75,9
MASCULINO	19	24,1	24,1	100,0
Total	79	100,0	100,0	

ORIGEM

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável ZONA URBANA	30	38,0	38,0	38,0
ZONA RURAL	49	62,0	62,0	100,0
Total	79	100,0	100,0	

GOSTA DE LER

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável SIM	58	73,4	73,4	73,4
NÃO	21	26,6	26,6	100,0
Total	79	100,0	100,0	

IR A BIBLIOTECA

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável SIM	1	1,3	1,3	1,3
ÀS VEZES	47	59,5	59,5	60,8
NÃO	31	39,2	39,2	100,0
Total	79	100,0	100,0	

PEGA LIVROS POR VONTADE PRÓPRIA

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável SIM	28	35,4	35,4	35,4
ÀS VEZES	40	50,6	50,6	86,1
NÃO	11	13,9	13,9	100,0
Total	79	100,0	100,0	

IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA VIDA

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável INSIGNIFICANTE	2	2,5	2,5	2,5
POUCO SIGNIFICATIVA	6	7,6	7,6	10,1
SIGNIFICATIVA	28	35,4	35,4	45,6
MUJITO SIGNIFICATIVA	43	54,4	54,4	100,0
Total	79	100,0	100,0	

LIVRO QUE PROCURA - QUADRINHOS

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Sim	59	74,7	74,7	74,7
Não	20	25,3	25,3	100,0
Total	79	100,0	100,0	

LIVRO QUE PROCURA - ROMANCE E NOVELA

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Sim	34	43,0	43,0	43,0
Não	45	57,0	57,0	100,0
Total	79	100,0	100,0	

LIVRO QUE PROCURA - LITERATURA INFANTO-JUVENIL

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Sim	8	10,1	10,1	10,1
Não	71	89,9	89,9	100,0
Total	79	100,0	100,0	

LIVRO QUE PROCURA - DIDÁTICO

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Sim	3	3,8	3,8	3,8
Não	76	96,2	96,2	100,0
Total	79	100,0	100,0	

LIVRO QUE PROCURA - DICIONÁRIOS

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Sim	6	7,6	7,6	7,6
Não	73	92,4	92,4	100,0
Total	79	100,0	100,0	

LIVRO QUE PROCURA - REVISTA

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Sim	33	41,8	41,8	41,8
Não	46	58,2	58,2	100,0
Total	79	100,0	100,0	

LIVRO QUE PROCURA - TEATRO

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	2	2,5	2,5	2,5
	Não	77	97,5	97,5	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

LIVRO QUE PROCURA - CONTOS

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	34	43,0	43,0	43,0
	Não	45	57,0	57,0	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

LIVRO QUE PROCURA - POESIAS

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	54	68,4	68,4	68,4
	Não	25	31,6	31,6	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

LIVRO QUE PROCURA - OUTROS

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	17	21,5	21,5	21,5
	Não	62	78,5	78,5	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

LIVRO DE LITERATURA EM CASA

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	0	1	1,3	1,3	1,3
	Sim	38	48,1	48,1	49,4
	Não	40	50,6	50,6	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

QUANTIDADE DE OBRAS LITERÁRIAS EM CASA

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Nenhum	40	50,6	50,6	50,6
	Até 05 livros	24	30,4	30,4	81,0
	De 05 a 10 livros	11	13,9	13,9	94,9
	Mais de 10 livros	4	5,1	5,1	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

GOSTARIA DE POSSUIR MAIS LIVROS EM CASA

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	43	54,4	54,4	54,4
	Não	36	45,6	45,6	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

DIFICULDADE NA AQUISIÇÃO DE LIVROS

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável São caros	16	20,3	20,3	20,3
Falta livraria na minha cidade	26	32,9	32,9	53,2
Não encontro livros do meu interesse	37	46,8	46,8	100,0
Total	79	100,0	100,0	

INTERESSE EM LITERATURA SOBRE O TEMA - AMOR ROMANCE

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Sim	56	70,9	70,9	70,9
Não	23	29,1	29,1	100,0
Total	79	100,0	100,0	

INTERESSE EM LITERATURA SOBRE O TEMA - GRAVIDEZ JUVENIL

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Sim	28	35,4	35,4	35,4
Não	51	64,6	64,6	100,0
Total	79	100,0	100,0	

INTERESSE EM LITERATURA SOBRE O TEMA - VIOLÊNCIA

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Sim	9	11,4	11,4	11,4
Não	70	88,6	88,6	100,0
Total	79	100,0	100,0	

INTERESSE EM LITERATURA SOBRE O TEMA - DROGAS E VÍCIOS

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Sim	20	25,3	25,3	25,3
Não	59	74,7	74,7	100,0
Total	79	100,0	100,0	

INTERESSE EM LITERATURA SOBRE O TEMA - SEXO

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Sim	27	34,2	34,2	34,2
Não	52	65,8	65,8	100,0
Total	79	100,0	100,0	

INTERESSE EM LITERATURA SOBRE O TEMA - GÊNERO

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Sim	5	6,3	6,3	6,3
Não	74	93,7	93,7	100,0
Total	79	100,0	100,0	

INTERESSE EM LITERATURA SOBRE O TEMA - ESPORTE

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	25	31,6	31,6	31,6
	Não	54	68,4	68,4	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

INTERESSE EM LITERATURA SOBRE O TEMA - SEXUALIDADE

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	29	36,7	36,7	36,7
	Não	50	63,3	63,3	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

INTERESSE EM LITERATURA SOBRE O TEMA - PRECONCEITO

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	30	38,0	38,0	38,0
	Não	49	62,0	62,0	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

INTERESSE EM LITERATURA SOBRE O TEMA - MORTE

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	11	13,9	13,9	13,9
	Não	68	86,1	86,1	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

INTERESSE EM LITERATURA SOBRE O TEMA - BULLYING

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	22	27,8	27,8	27,8
	Não	57	72,2	72,2	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

INTERESSE EM LITERATURA SOBRE O TEMA - AVENTURAS

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	55	69,6	69,6	69,6
	Não	24	30,4	30,4	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

ACESSO A INTERNET

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Não respondeu	2	2,5	2,5	2,5
	Sim	63	79,7	79,7	82,3
	Não	14	17,7	17,7	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

SUPORTE NO ACESSO A INTERNET - COMPUTADOR

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	14	17,7	17,7	17,7
	Não	65	82,3	82,3	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

SUPORTE NO ACESSO A INTERNET - NOTEBOOK

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	13	16,5	16,5	16,5
	Não	66	83,5	83,5	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

SUPORTE NO ACESSO A INTERNET - CELULAR/SMARTPHONE

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	63	79,7	79,7	79,7
	Não	16	20,3	20,3	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

SUPORTE NO ACESSO A INTERNET - TABLET

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	16	20,3	20,3	20,3
	Não	63	79,7	79,7	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

SUPORTE NO ACESSO A INTERNET - SALA DE INFORMÁTICA

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	12	15,2	15,2	15,2
	Não	67	84,8	84,8	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

SUPORTE NO ACESSO A INTERNET - OUTROS

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Sim	5	6,3	6,3	6,3
	Não	74	93,7	93,7	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

INTERNET COMO SUPORTE PARA LEITURA LITERÁRIA

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Não respondeu	1	1,3	1,3	1,3
	Sim	7	8,9	8,9	10,1
	As vezes	43	54,4	54,4	64,6
	Não	28	35,4	35,4	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES NAS REDES SOCIAIS - CONVERSA COM AMIGOS

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Não respondeu	5	6,3	6,3	6,3
	Pouco	9	11,4	11,4	17,7
	Razoável	15	19,0	19,0	36,7
	Muito	50	63,3	63,3	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES NAS REDES SOCIAIS - PÁGINAS DE ESPORTE

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Não respondeu	5	6,3	6,3	6,3
	Pouco	42	53,2	53,2	59,5
	Razoável	21	26,6	26,6	86,1
	Muito	11	13,9	13,9	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES NAS REDES SOCIAIS - PÁGINAS DE HUMOR

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Não respondeu	5	6,3	6,3	6,3
	Pouco	47	59,5	59,5	65,8
	Razoável	22	27,8	27,8	93,7
	Muito	5	6,3	6,3	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES NAS REDES SOCIAIS - PÁGINAS LITERÁRIAS

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Não respondeu	5	6,3	6,3	6,3
	Pouco	36	45,6	45,6	51,9
	Razoável	32	40,5	40,5	92,4
	Muito	6	7,6	7,6	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES NAS REDES SOCIAIS - NAMOROS E RELACIONAMENTOS

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Não respondeu	5	6,3	6,3	6,3
	Pouco	24	30,4	30,4	36,7
	Razoável	21	26,6	26,6	63,3
	Muito	29	36,7	36,7	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES NAS REDES SOCIAIS - VÍDEOS

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Não respondeu	5	6,3	6,3	6,3
	Pouco	12	15,2	15,2	21,5
	Razoável	26	32,9	32,9	54,4
	Muito	36	45,6	45,6	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES NAS REDES SOCIAIS - FRASES DE AUTORES FAMOSOS

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Não respondeu	5	6,3	6,3	6,3
Pouco	26	32,9	32,9	39,2
Razoável	27	34,2	34,2	73,4
Muito	21	26,6	26,6	100,0
Total	79	100,0	100,0	

IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES NAS REDES SOCIAIS - JOGOS

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Não respondeu	5	6,3	6,3	6,3
Pouco	12	15,2	15,2	21,5
Razoável	24	30,4	30,4	51,9
Muito	38	48,1	48,1	100,0
Total	79	100,0	100,0	

OPINIÃO PROJETO CERB 2015

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Ótimo	29	36,7	36,7	36,7
Bom	32	40,5	40,5	77,2
Regular	11	13,9	13,9	91,1
Ruim	7	8,9	8,9	100,0
Total	79	100,0	100,0	

PROJETO CERB SEU DESEMPENHO - CONTATO COM A LITERATURA

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Não respondeu	5	6,3	6,3	6,3
Pouco	22	27,8	27,8	34,2
Razoável	35	44,3	44,3	78,5
Muito	17	21,5	21,5	100,0
Total	79	100,0	100,0	

PROJETO CERB SEU DESEMPENHO - MOMENTOS DE LEITURA LIVRE E ESPONTÂNEA

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Não respondeu	5	6,3	6,3	6,3
Pouco	28	35,4	35,4	41,8
Razoável	34	43,0	43,0	84,8
Muito	12	15,2	15,2	100,0
Total	79	100,0	100,0	

PROJETO CERB SEU DESEMPENHO - MELHORIA NO DESEMPENHO DA LEITURA E ESCRITA

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Não respondeu	5	6,3	6,3	6,3
Pouco	16	20,3	20,3	26,6
Razoável	25	31,6	31,6	58,2
Muito	33	41,8	41,8	100,0
Total	79	100,0	100,0	

PROJETO CERB SEU DESEMPENHO - SAIR DA ROTINA DA SALA DE AULA

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Não respondeu	5	6,3	6,3	6,3
Pouco	32	40,5	40,5	46,8
Razoável	26	32,9	32,9	79,7
Muito	16	20,3	20,3	100,0
Total	79	100,0	100,0	

PROJETO CERB SEU DESEMPENHO - PRODUÇÃO DE ATIVIDADES PARA LEITURAS

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Não respondeu	5	6,3	6,3	6,3
Pouco	15	19,0	19,0	25,3
Razoável	27	34,2	34,2	59,5
Muito	32	40,5	40,5	100,0
Total	79	100,0	100,0	

PROJETO CERB SEU DESEMPENHO - DESENVOLVEU GOSTO PELA LEITURA

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Não respondeu	5	6,3	6,3	6,3
Pouco	17	21,5	21,5	27,8
Razoável	27	34,2	34,2	62,0
Muito	30	38,0	38,0	100,0
Total	79	100,0	100,0	

LEITURA DO LIVRO - "A METAMORFOSE DE LÍVIO"

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Ótimo	50	63,3	63,3	63,3
Bom	17	21,5	21,5	84,8
Regular	10	12,7	12,7	97,5
Ruim	2	2,5	2,5	100,0
Total	79	100,0	100,0	

VOCÊ SE IDENTIFICA COM O PROTAGONISTA DO LIVRO

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Sim	11	13,9	13,9	13,9
Um pouco	42	53,2	53,2	67,1
Não	26	32,9	32,9	100,0
Total	79	100,0	100,0	

VOCÊ CONHECE, JÁ LEU OU OUVIU FALAR NO LIVRO "A METAMORFOSE" DE FRAZ KAFKA

	Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável Sim, já li	12	15,2	15,2	15,2
Já ouvi falar, mas não li	29	36,7	36,7	51,9
Não conheço, nunca ouvir falar	38	48,1	48,1	100,0
Total	79	100,0	100,0	

PARA VOCÊ O QUE É LITERATURA?

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Não respondeu	3	3,8	3,8	3,8
	Não formulou resposta	12	15,2	15,2	19,0
	Uma coisa boa	7	8,9	8,9	27,8
	Atividade de leitura	19	24,1	24,1	51,9
	Um livro bom	3	3,8	3,8	55,7
	Algo muito importante	8	10,1	10,1	65,8
	Forma de viajar na imaginação (divertimento)	8	10,1	10,1	75,9
	Aperfeiçoar as habilidades de leitura e escrita	2	2,5	2,5	78,5
	Forma de adquirir cultura	2	2,5	2,5	81,0
	Arte que expressa sentimentos	7	8,9	8,9	89,9
	Forma de interação com o outro	2	2,5	2,5	92,4
	Novo tipo de leitura	5	6,3	6,3	98,7
	Algo insignificante.	1	1,3	1,3	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

COMENTÁRIO SOBRE O LIVRO: A METAMORFOSE DE LÍVIO

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Não respondeu	3	3,8	3,8	3,8
	Achou importante	29	36,7	36,7	40,5
	Resumiu brevemente o livro	11	13,9	13,9	54,4
	Não se manifestou	3	3,8	3,8	58,2
	Autoidentificação com o protagonista	4	5,1	5,1	63,3
	Relaciona a obra com o cotidiano	9	11,4	11,4	74,7
	Destaca a moral do livro	20	25,3	25,3	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

COMENTÁRIO SOBRE O PROJETO DE LEITURA DO CERB 2015

		Frequência	Percentual	Percentual Variável	Percentual Acumulado
Variável	Não respondeu	2	2,5	2,5	2,5
	Achou bom	34	43,0	43,0	45,6
	Não estava presente	1	1,3	1,3	46,8
	Nada a declarar	2	2,5	2,5	49,4
	Achou ruim	3	3,8	3,8	53,2
	Achou bom, porém as atividades foram insuficientes	2	2,5	2,5	55,7
	Contribuiu para aprimorar a leitura e a escrita	6	7,6	7,6	63,3
	Contribuiu para ampliar o gosto pela leitura	28	35,4	35,4	98,7
	Pode realizar leituras autônomas.	1	1,3	1,3	100,0
	Total	79	100,0	100,0	

ANEXO A – TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Centro de Formação de Professores
Colegiado de Letras – LIBRAS / Língua Estrangeira

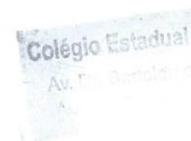
TERMO DE ANUÊNCIA

Concedo a autorização institucional para realização das atividades de pesquisa referentes ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **“Refletindo sobre o papel da literatura juvenil na formação do leitor”**, a se realizar no Colégio Estadual Ruy Barbosa, localizado na Av. Dr. Bartolomeu Chaves, 63 – Centro – Mutuípe (BA). O projeto será desenvolvido pela discente Anastácia Amorim Santana, regularmente matriculada no curso de Licenciatura em Letras – LIBRAS / Língua Estrangeira da UFRB, sob a orientação do professor Tarcísio Fernandes Cordeiro, tendo como objetivo principal investigar como a literatura juvenil tem sido compreendida e trabalhada no contexto escolar no ensino fundamental. Neste sentido, autorizo o uso do nome institucional tanto no relatório final do projeto, bem como, em futuras publicações.

Mutuípe (BA), 16 de novembro de 2015.

Leila Carolina Nascimento Almeida
Diretora do Colégio Estadual Ruy Barbosa

Recebido



ANEXO B – QUESTIONÁRIO DA PROFESSORA

Prezada Professora,

Este questionário faz parte das atividades de pesquisa referentes ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Refletindo sobre o papel da literatura juvenil na formação do leitor”, da discente Anastácia Amorim Santana, graduanda em Letras – LIBRAS /Língua Estrangeira da UFRB. Sua participação é de caráter voluntário e, as informações aqui fornecidas possivelmente serão utilizadas e divulgadas como objeto de estudo e análise.

1) Há quanto tempo leciona na rede estadual?
Resposta – 22 anos de serviço.
2) Formação acadêmica:
Resposta – Licenciatura em Letras com Inglês (UNEB) e Pós-graduação em Estudos Literários e Linguísticos (UFBA).
3) Como você interage com seus alunos em relação à leitura?
Resposta – Estou sempre destacando o valor e a importância do ato de ler. E demonstrando, também, o prazer que um bom livro pode nos trazer. Falo, na sala, sobre os títulos os quais estou lendo, teço comentários sobre os personagens principais e indico obras para que meus alunos sintam-se estimulados a ler.
4) Como você julga o desempenho de seus alunos em relação à leitura do texto literário? Bom – Razoável – Precário. Justifique.
Resposta – Precário, pois são alunos que não foram iniciados no hábito de ler pela família, no meio no qual circulam e até mesmo na escola . Quando chegam em minhas aulas: 8º e 9º ano, fica difícil estimulá-los a ler textos literários.
5) Você percebe iniciativa dos seus alunos em procurar obras literárias? Como isso se manifesta?
Resposta – Não, meus alunos não demonstram vontade para ler obras literárias. Quando conseguimos realizar este tipo de atividade é com bastante persistência, estímulo. O processo de convencimento para que meus alunos leiam bons livros é muito cansativo. E a maioria deles ler por obrigação.
6) O que você julga necessário para que os alunos compreendam a importância da leitura?
Resposta – A influência da família acredito ser o ponto de partida para que a criança desperte o gosto pela leitura. O trabalho da escola nas séries iniciais, também, fortifica todo esse processo. Conceber o ato de ler como importante é um caminho que deve ser trilhado desde a infância. Outro fator interessante é ler para as crianças e adolescentes e demonstrar que ler necessário, abre mentes e portas. E, que, em todos os momentos de nossas vidas estamos realizando algum tipo de leitura. Nas salas de aula, acho importante fazer leituras individuais, coletivas (rodas de leitura) sobre assuntos que interessem aos alunos, isso pode atraí-los para a leitura e aos poucos fazê-los perceber a importância da leitura.
7) O Nono Ano do Ensino Fundamental é composto por alunos já na fase da adolescência. Nesta época da vida vários temas tabus surgem na mente desses jovens. Você traz a tona esses temas em

sala de aula? A literatura juvenil tem sido um suporte para tratar de tais assuntos? Explique como tem sido.

Resposta – Sempre estamos relacionando os problemas que ocorrem, na escola, com algumas leituras. Estamos tentando fazer com que o nosso aluno aprenda a fazer relações entre fatos do seu cotidiano com os relatados nos textos – intertextualidade. A escola desenvolve estas ações de leitura através de projetos de leitura. Os projetos são elaborados a partir de questões conflituosas que nascem dentro da escola e da comunidade, na qual a escola está inserida.

8) Por que a escolha do livro “A metamorfose de Lívio”?

Resposta – Quando pensamos em uma literatura para a quarta unidade, no 9º ano, foi sugerido *Dom Casmurro* (Machado de Assis) e *O Menino de Engenho* (José Lins do Rego) e *Inocência* (Visconde de Tunay). No entanto, a xerox destes livros ficou muito cara para que os alunos adquirissem. Pesquisando na biblioteca da escola, encontrei o título – A Metamorfose do Lívio – cujo tema principal é o bullying sofrido por Lívio em sua nova escola. De imediato, li o resumo do livro na sala e os alunos se interessaram. E a xerox ficou bem baratinha porque o livro é pequeno. Acredito que os alunos gostaram do tema porque muitos deles são vítimas de algum tipo de bullying “resenha” dentro da escola. E também pelo fato de ser um conto de ficção muito interessante, bem escrito, de leitura leve... e com um enredo bem surpreendente!

9) Segundo Antônio Cândido (1989) “A arte literária é um bem incompressível porque, sobretudo, coloca o homem em contato com a sua própria humanidade”. Como você vislumbra a relação literatura e formação humanística no trabalho em sala de aula?

Resposta – Como a literatura tem como fim despertar a subjetividade de quem tem acesso a ela, acredito que quando o aluno ler e faz uma intertextualidade ele acaba, de alguma forma, refletindo sobre os temas que são abordados na obra. Uma obra literária quando lida pode fazer chorar, emocionar, despertar raiva, ódio. Pode fazer o leitor questionar as atitudes positivas e negativas dos protagonistas e antagonistas da narrativa. E diante, de todas estas perspectivas de leitura, o leitor pode e deve fazer suas próprias leituras sobre o texto literário lido. Penso que uma obra literária, quando bem trabalhada, em sala de aula, pode acrescentar e muito na vida dos adolescentes. Após a leitura eles não serão os mesmos de antes da leitura. Alguma coisa há de ficar em seus pensamentos, suas ações, atitudes e comportamentos.

10) O projeto de leitura foi um incentivo a melhoria de leitura e escrita, você considera que houve resultados satisfatórios? Você consegue vislumbrar resultados também de alcance do desenvolvimento pessoal desses alunos? De que forma conseguiu notar esses resultados?

Resposta – Sim. Houve resultado satisfatório, pois o objetivo maior do projeto era despertar o gosto pela leitura. E já, na segunda semana de leitura os alunos pediam aos professores livros para ler em casa. Recomendavam os livros lidos para os colegas. Muitos perderam o medo de ler em voz alta, dentro da sala, tornaram-se mais confiantes. Outros começaram a expor-se, oralmente, com mais fluência, a relação com o professor tornou-se mais próxima. E isso, para mim, foi um passo muito importante dado na escola. Diria que foi um sucesso! Ano que vem tem mais...